

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

PATRICIA REGINA RAMOS MARASCHI

**INTERAÇÕES POR COMUNICAÇÃO ORAL ENTRE DOCENTES E
ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR**

Araraquara- SP

2025

PATRICIA REGINA RAMOS MARASCHI

**INTERAÇÕES POR COMUNICAÇÃO ORAL ENTRE DOCENTES E
ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Linha de pesquisa: Processos de Ensino

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Oliveira
Suzigan Dragone

Araraquara- SP

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

M26i Maraschi, Patrícia Regina Ramos

Interações por comunicação oral entre docentes e alunos no ensino superior/Patrícia Regina Ramos Maraschi. – Araraquara: Universidade de Araraquara, 2025.

61f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação - Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia O. Suzigan Dragone

1. Interações docentes. 2. Boa comunicação. 3. Comunicação Assertive. 4. Ensino superior. I. Título.

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RAMOS MARASCHI, P. R. **Interações por comunicação oral entre docentes e alunos no ensino superior, 2025.** 61f. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Patricia Regina Ramos Maraschi

TÍTULO DO TRABALHO: Interações por comunicação oral entre docentes e alunos no ensino superior.

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação / 2025.

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.

Patricia Regina Ramos Maraschi

Av. Luiz Dosualdo 70, Araraquara-SP.CEP:14810890

E-mail: prrmaraschi@uniara.edu.br



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

Nome da autora: Patricia Regina Ramos Maraschi.

Código de aluno: 15023-010

Data: 12 de março de 2025

Título do Trabalho: INTERAÇÕES POR COMUNICAÇÃO ORAL ENTRE DOCENTES E ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR .

Assinaturas dos Examinadores:

Conceito:

Prof. Dra. Maria Lúcia O. Suzigan Dragone (orientadora)
Universidade de Araraquara/UNIARA

(X) Aprovada () Reprovada

Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni
Universidade de Araraquara/UNIARA

(X) Aprovada () Reprovada

Prof. Dra. Juliene de Cássia Leiva
Psicóloga na Universidade Estadual Paulista - UNESP

(X) Aprovada () Reprovada

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 12/03/2025.

Prof. Dra. Maria Lúcia O. Suzigan Dragone (orientadora)

Dedico esse trabalho a meu marido, Euclides Maraschi Júnior e a minha filha, Letícia Ramos Maraschi, agradeço pelo amor, apoio e parceria em todas as minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço à Instituição Uniara e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, que se preocupam com a qualidade do curso.

Agradeço aos colegas da Turma X do programa, pela companhia e alegria.

Agradeço aos professores da banca, Prof.(a) Dr.(a) Luciana Maria Giovanni e Prof.(a) Dr.(a) Juliene de Cássia Leiva, que contribuíram com sugestões importantes.

Agradeço às professoras e amigas queridas, Prof.(a) Dr.(a) Andrea Correa Carrascosa e Prof.(a) Dr.(a) Ana Claudia Nunciato, que partilham desafios, aprendizados, choros e risadas. Elas foram a minha motivação para a realização desse desejo.

Agradeço a meus pais, Irineu Ramos Júnior e Angela Lorenzo Ramos, por me darem a vida, por incentivarem minha educação e por todo amor vivido. Agradeço a meus irmãos e a toda minha família, que são sempre muito presentes.

Agradeço, em especial, à minha orientadora, Prof.(a) Dr.(a) Maria Lúcia O. S. Dragone, por acreditar e organizar todo o trabalho, pela dedicação e apoio. Sem a sua ajuda, esta dissertação não seria possível. Muito obrigada!!

O mais importante na comunicação é ouvir o que não foi dito.

(Peter Drucker)

Você pode saber o que disse, mas nunca o que o outro escutou.

(Jacques Lacan)

RESUMO

As interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento humano. A docência é uma atividade permeada pelas interações humanas e, dentre as interações, a comunicação é considerada relevante. Ela não ocorre apenas pela emissão e recepção de uma mensagem, mas por diversas outras interações complexas, e sua compreensão é fundamental, pois organiza o pensamento reflexivo, a função mental e o desenvolvimento do pensamento científico. Saber se comunicar com clareza é uma habilidade fundamental e, considerando a docência, a comunicação é um grande desafio. A falta de habilidades comunicativas pode comprometer o desempenho da função docente e o processo de ensino e aprendizagem. Vários são os elementos pelos quais nos comunicamos e interagimos com os outros, como o tom da voz, o olhar, a expressão facial, a postura, o acolhimento, a escuta passiva e ativa, as palavras e atitudes assertivas e afetivas. Esta pesquisa tem por objetivo investigar como os professores universitários, atuantes na área da saúde, estabelecem as interações com seus alunos em sala de aula e como entendem ser uma boa comunicação. Fornecem apoio teórico para este estudo autores como Shulman, Vygotski, Tardif, Severino e Barros Filho. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado em uma universidade particular do interior do estado de São Paulo, utilizando um questionário para investigar como ocorrem as interações comunicativas em sala de aula. Participaram da pesquisa 22 professores da área da saúde, sendo 8 professores e 14 professoras. Os dados foram obtidos por meio de um questionário estruturado, com itens de múltipla escolha e dissertativos. Nos resultados, observou-se que a idade média dos professores foi de 46 anos, com 15 anos de tempo de docência e carga horária de 21 horas semanais, em média. Os professores (15) consideraram ter boas habilidades comunicativas, relatando interação e conexão com os alunos. Entretanto, vários referiram não utilizar recursos vocais importantes para uma comunicação oral mais efetiva: 10 utilizam pausas pouco frequentes e 4 nunca observaram a necessidade do uso da voz, 10 avaliam o volume da voz como alto e 3 como baixo. Quanto à compreensão sobre comunicação assertiva, descreveram-na como ter uma linguagem clara, objetiva e respeitosa. Citam a falta de motivação, a heterogeneidade da sala e os diferentes níveis dos alunos como dificuldades para estabelecer uma boa comunicação em sala de aula. Conclui-se que os dados mostram que os docentes percebem, em suas interações, mais características positivas do que negativas, embora relatem dificuldades, falhas e necessidade de melhorias. Descrevem conhecimentos básicos sobre comunicação assertiva e buscam aprimorar sua comunicação/interação em sala de aula, apontando práticas pedagógicas diferenciadas durante as aulas e conteúdos bem-organizados. Nota-se que os professores devem observar os processos de comunicação para promover interações conscientes, buscando palavras e atitudes assertivas como forma de viabilizar um aprendizado efetivo e relações mais harmoniosas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Interações docentes. Boa comunicação. Comunicação assertiva. Ensino superior.

ABSTRACT

Social interactions are fundamental for human development. Teaching is an activity permeated by human interactions, and among these interactions, communication is considered relevant. It does not occur solely through the transmission and reception of a message but also through various other complex interactions, and its understanding is essential as it organizes reflective thinking, mental function, and the development of scientific reasoning. Being able to communicate clearly is a fundamental skill, and considering teaching, communication is a great challenge. The lack of communication skills can compromise the performance of the teaching role and the teaching-learning process. There are several elements through which we communicate and interact with others, such as tone of voice, eye contact, facial expression, posture, warmth, passive and active listening, as well as assertive and affective words and attitudes. This research aims to investigate how university professors in the health field establish interactions with their students in the classroom and how they perceive good communication. Theoretical support for this study is provided by authors such as Shulman, Vygotsky, Tardif, Severino, and Barros Filho. It is a qualitative study conducted at a private university in the interior of the state of São Paulo, using a questionnaire to investigate how communicative interactions occur in the classroom. A total of 22 professors from the health field participated in the study, including 8 male and 14 female professors. The data were obtained through a structured questionnaire with multiple-choice and open-ended questions. The results showed that the average age of the professors was 46 years, with an average teaching experience of 15 years and an average weekly workload of 21 hours. The professors (15) considered themselves to have good communication skills, reporting interaction and connection with students. However, several mentioned not using important vocal resources for more effective oral communication: 10 use pauses infrequently, and 4 have never observed the need to use their voice; 10 evaluate their voice volume as high, and 3 as low. Regarding their understanding of assertive communication, they described it as having a clear, objective, and respectful language. They cited lack of motivation, classroom heterogeneity, and different student levels as difficulties in establishing good communication in the classroom. It is concluded that the data show that teachers perceive more positive than negative characteristics in their interactions, although they report difficulties, shortcomings, and the need for improvement. They describe basic knowledge of assertive communication and seek to enhance their communication and interaction in the classroom, pointing to differentiated pedagogical practices during lessons and well-organized content. It is noted that teachers should observe communication processes to promote conscious interactions, seeking assertive words and attitudes as a way to enable effective learning and more harmonious relationships in the school environment.

Keywords: Teaching interactions. Good communication. Assertive communication. Higher education.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

CNV - Comunicação Não Violenta

SCIELO - Scientific Eletronic Library Online

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização Dos Professores Participantes	35
Quadro 2 - Cursos em que os professores lecionam	36
Quadro 3 - Caracterização da fala de professores	39
Quadro 4 - Habilidades comunicativas em sala de aula	41
Quadro 5 - Compreensão sobre comunicação assertiva	43
Quadro 6 - Descrição da comunicação em sala de aula	45
Quadro 7 - Detalhes na sala de aula que dificultam a comunicação com os alunos	47
Quadro 8 - Detalhes na sala de aula que facilitam a comunicação com os alunos	48
Quadro 9 - Como os professores procuram melhorar sua comunicação com os alunos em sala de aula	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados numéricos da avaliação das percepções da fala	40
Tabela 2 - Percepções de docentes sobre suas habilidades comunicativas em sala de aula	43
Tabela 3 - Como docentes compreendem a comunicação assertiva	44
Tabela 4 - Como docentes avaliam sua comunicação em sala de aula	46
Tabela 5 - Aspectos que os/as docentes percebem com facilitadores e dificultadores da comunicação com os alunos em sala de aula	50

PERCURSO PROFISSIONAL DA PESQUISADORA

Sou formada em fisioterapia, minha carreira docente iniciou há 17 anos e, estudar a área da educação foi uma oportunidade de muito aprendizado em minha vida. Realizei diversas pós-graduações lato-sensu, minha afinidade e habilidade, é a atuação clínica, entretanto, estudar e ampliar conhecimentos sempre foi uma necessidade em minha caminhada pessoal e profissional. Sou curiosa, questionadora e a busca por novas informações, faz parte do meu dia-a-dia. As vezes tenho dificuldades em direcionar um raciocínio, porque minha mente se abre para diversas possibilidades em cada contexto. Gosto do novo, de fazer diferente. Durante algum tempo, pensava que essa característica fosse ruim e hoje, compreendo que ser assim, acrescentou e acrescenta grandes aprendizados. E aprendi nesse processo da pós-graduação, que sou uma docente disruptiva.

Lembro que passava em frente à Universidade da minha cidade (UNIARA) e desejava estar lá, embora talvez, não me imaginasse docente. Em 2008, fui convidada para ser docente nessa mesma Universidade e essa oportunidade me deixou feliz. Deu início a um período de muito esforço e dedicação, para algo que eu não tinha preparação: à docência. Explorar conteúdos, ampliar conhecimentos das matérias específicas foi muito enriquecedor, mas estar em sala de aula está além deste contexto. E hoje, a cada etapa do desenvolvimento da pesquisa e da minha atuação docente, vou compreendendo melhor o universo da educação. Ser docente envolve uma responsabilidade que nem todos os professores estão conscientes, exige disposição, comprometimento e amor ao que se faz. E na minha humilde opinião, eu tenho.

Fazer o mestrado foi uma possibilidade que surgiu em vários momentos da minha vida desde a graduação, mas até então não havia se concretizado. Com tentativas malsucedidas, acabei desistindo, porém ainda havia inquietação e vulnerabilidade. Em 2021, conheci o Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara e me interessei. Faltava coragem e motivação, mas o incentivo de duas professoras (e amigas queridas), foi decisivo para que esse desejo se realizasse. Levo muita gratidão por elas e por essa oportunidade.

Entrar em contato com conhecimentos sobre didática, práticas pedagógicas e comunicação, foi e continua sendo, uma experiência motivadora, amplia minha compreensão sobre o que é ser professor e o seu papel na formação profissional e pessoal dos alunos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Pesquisas científicas sobre interações por comunicação entre professores e alunos.....	15
Objetivo	18
Hipótese	18
Justificativa	18
1 PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO HUMANA E INTERAÇÕES EDUCACIONAIS	20
1.1 Comunicação Humana	20
1.2 Ensino Superior – formação pedagógica e interacional.....	22
1.2.1 Instituições e Formação Pedagógica.....	22
1.3 Processos Comunicativos	27
1.3.1 Comunicação Verbal	27
1.3.2 Comunicação Não Verbal.....	29
1.3.3 Comunicação, comportamento e corpo	30
1.3.4 Comunicação Não Violenta (CNV).....	30
2. TRAÇADO METODOLÓGICO	34
2.1 Tipo de Pesquisa	34
2.2 Local da Pesquisa	34
2.3 Participantes da Pesquisa.....	34
2.4 Instrumento de Pesquisa	37
2.5 Análise de Dados	37
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
3.1 Como docentes avaliam o uso da voz em sala de aula	38
3.2 Como docentes percebem suas habilidades comunicativas em sala de aula	41
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS DOCENTES	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE 1.....	59
APÊNDICE 2.....	60
APÊNDICE 3.....	62

INTRODUÇÃO

As interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento humano e para a construção de relacionamentos saudáveis; elas determinam as relações humanas. Somos o resultado dessas interações, que nunca param de acontecer. A docência é uma atividade permeada pelas interações humanas e, dentre as interações, a comunicação é considerada relevante, compreendendo que comunicar-se é fundamental para que o homem tenha ações efetivas (Andrade, 2013). Ela não ocorre apenas pela emissão e recepção de uma mensagem, mas por diversas outras interações complexas, estabelecendo conexões que resultam em comportamentos sociais (Vygotski, 1991). É um processo que envolve troca de informações entre os indivíduos, uma ferramenta de integração, essencial na vida em sociedade. A realidade é construída pela comunicação, e o ato de comunicar é a materialização dos pensamentos e sentimentos (Silva; Peixoto Júnior, 2017).

A compreensão do fenômeno comunicativo contemporâneo é fundamental não só para o entendimento da sociedade e do cotidiano, mas também para questionar o que precisamos criar para a vida que desejamos viver (Cardoso, 2023).

A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira como ela percebe o universo, e a linguagem é o meio de comunicação que organiza o pensamento reflexivo e a função mental (Vygotski, 1991). É importante para o desenvolvimento do pensamento científico (Santos; Santos, 2023) e pode estabelecer aproximações ou distanciamentos (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). Vygotski (2002) estudou a relação entre as ideias que as pessoas desenvolvem e o que dizem, e observa-se que a falta de habilidades comunicativas pode comprometer as relações sociais (Silva *et al.*, 2000).

Saber se comunicar com clareza é uma habilidade fundamental na resolução de conflitos, na organização do trabalho e na expressão de sentimentos. Considerando a docência, a comunicação é um grande desafio e é imprescindível para o desempenho da interação professor-aluno, sendo importante compreender os processos que constituem o ato de ensinar e aprender (Paviani, 2011). Compreender quais são os conhecimentos necessários para o ofício do professor instiga a realização de estudos que buscam identificar quais são as naturezas dos saberes docentes. A comunicação é uma habilidade considerada imprescindível e deve ser priorizada por ser impulsionadora das relações professor-aluno para a aprendizagem (Guimarães; Maciel, 2022).

A aprendizagem ocorre por meio de interações sociais e da internalização de conhecimentos. O educador atua como mediador, facilitando o processo e proporcionando

experiências que promovam o desenvolvimento cognitivo. O contexto social e cultural influencia o processo, e o educador deve identificar o que o aluno consegue fazer sozinho e o que precisa de auxílio (Vygotski, 1991).

Com base nas colocações dos teóricos apresentados, esta pesquisa tem como objetivo investigar como professores universitários da área da saúde estabelecem as interações com seus alunos.

Pesquisas científicas sobre interações por comunicação entre professores e alunos

Para compreender como as pesquisas científicas têm abordado o tema "boa comunicação na educação", apresentam-se as publicações encontradas na literatura que discutem, utilizando as palavras-chave: interações docentes, boa comunicação, comunicação assertiva e ensino superior.

É necessário destacar que o tema comunicação é amplo e complexo. Nas buscas por artigos na área, os resultados mostram uma nomenclatura pouco concisa, com várias denominações para um contexto semelhante (comunicação assertiva, afetiva, efetiva, eficaz, persuasiva), observando-se ainda que existem áreas diversas sendo estudadas, como educação, saúde, jurídica, empresarial, marketing, e a necessidade de obter mais conhecimento sobre o comportamento comunicativo humano.

Para obter dados mais focados na comunicação entre professores e alunos, esta pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico na base de dados da CAPES (Dissertações e Teses) e na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando as palavras-chave: boa comunicação, comunicação assertiva, interações sociais, e os filtros dos últimos cinco anos de publicação (2019 a 2023), na área da educação. Os resultados foram direcionados para temas como: tecnologias de informação digitais, metodologias ativas, ambiente virtual, ensino a distância, inclusão e área da saúde. Após a leitura dos títulos, resumos e textos na íntegra, 9 estudos se aproximaram da temática e estão apresentados a seguir.

Barbosa (2019) desenvolveu um estudo sobre a comunicação assertiva para o desenvolvimento de líderes. O autor descreve a comunicação como uma interação importante e complexa entre os seres humanos e enfatiza a necessidade de desenvolver as habilidades comunicativas assertivas como forma de minimizar conflitos. Discute que a falta de comunicação pode impactar as relações de forma negativa e que comunicar-se bem pode representar viver melhor. Elucida que a comunicação assertiva envolve expressar-se de forma

clara, ter boa fluência verbal e a capacidade de ouvir melhor, reconhecendo que, além da forma verbal, há uma comunicação corporal, como a forma de vestir e de se comportar.

Guzinski *et al.* (2019), Lima, Maia e Nascimento (2019), Campos, Silva e Silva (2019) desenvolveram estudos de comunicação na área da saúde, evidenciando como essas interações podem impactar a saúde dos indivíduos. São comuns estudos sobre a importância da comunicação nas interações com pacientes e descrevem a comunicação como uma intervenção terapêutica. Guzinski *et al.* (2019) estudaram boas práticas para a comunicação efetiva em equipe interdisciplinar de cirurgia ortopédica. Segundo a pesquisa, a boa comunicação pode ser caracterizada pela utilização do contato visual, com uma escuta ativa para a compreensão da mensagem e discussão saudável.

Os autores Lima, Maia e Nascimento (2019) investigaram a transmissão de más notícias em cuidados paliativos na oncopediatria e, segundo o estudo, a boa comunicação foi caracterizada como aquela que utiliza fatores humanizantes, como postura empática, acolhimento e afeto positivo, na qual os indivíduos devem apresentar uma disposição para ouvir.

Campos, Silva e Silva (2019) estudaram a comunicação em cuidados paliativos e descreveram a boa comunicação como aquela que apresenta um diálogo adequado, uma comunicação que se destaca na assistência, na criação de vínculos e na decisão compartilhada.

Tonon *et al.* (2020) desenvolveram um estudo na área da educação e docência, descrevendo a comunicação como um instrumento social que permite a integração das pessoas, sendo uma forma de compreender e compartilhar ideias. Esse fenômeno envolve voz, fala e corpo, elementos verbais e não verbais que se conjugam. A comunicação na docência, quando bem utilizada, pode aumentar o interesse do aluno, auxiliar na memorização e potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Descreve que as competências comunicativas se caracterizam pelo uso adequado da voz (qualidade vocal, tom e volume da voz), da fala (articulação e velocidade da fala), recursos prosódicos (ritmo da fala) e corporais (gestos, expressões e postura corporal) que, somados, promovem as interações discursivas entre o professor e o aluno. O estudo discute que, ao estudar a comunicação, é necessário realizar a análise do comportamento, pois a linguagem pode ser estabelecida através da postura corporal.

Fiorot Junior (2020), em sua dissertação, contribuiu para o tema comunicação. O pesquisador desenvolveu um programa de habilidades docentes para professores do ensino médio e afirma que as habilidades sociais docentes pressupõem um entendimento do comportamento e das interações humanas. Pensamentos, emoções, motivação, sentimentos, raciocínios e interações comunicativas são considerados comportamentos que ocorrem em

interação com o ambiente e podem voltar a ocorrer sempre que produzirem uma consequência favorável ao organismo. O comportamento vocal advém do aprendizado social e é um comportamento que exige atenção e adequação a todas as situações de exigência da sociedade, descrevendo a comunicação assertiva como um comportamento vocal.

Wendt (2021) fez um estudo sobre práticas educativas para educadores sociais, realizando uma intervenção com sessões de práticas positivas, dentre elas as estratégias de comunicação assertiva. Esse autor define como assertividade a habilidade de expressar sentimentos, desejos e opiniões de forma apropriada, defender os próprios direitos e respeitar os dos outros. O autor aponta ainda que a assertividade é uma competência que pode ser aprendida e que práticas educativas positivas se apoiam em estratégias de diálogo e afeto, com limites, dependem do vínculo estabelecido e da coerência das ações, respeitando a opinião do outro e estimulando a liberdade e a autonomia. Destaca também que a assertividade é uma articulação de práticas saudáveis, criando condições para desenvolver capacidade de reflexão e posturas ativas.

Neste mesmo estudo, Wendt (2021) realizou uma prática em grupo de jogo de mímica para explorar as formas de comunicar e encenações de situações cotidianas, não esclarecidas no trabalho. Os participantes apontaram mudanças positivas em suas práticas de comunicação assertiva após a prática realizada. Na docência, educar é uma tarefa de dedicação contínua, demandando disponibilidade, responsabilidade e comprometimento com o processo de ensino e aprendizagem. Essas práticas melhoraram a autoeficácia (que se relaciona à crença e expectativa acerca de suas habilidades, influenciando no desenvolvimento comportamental) e reduziram o estresse do trabalho docente. Finalizando, o autor ressalta que práticas educativas negativas (dificuldade de interação, falta de respeito, diálogo e afetividade etc.) podem resultar em problemas de saúde mental.

Wendt e Dell'Aglio (2021) desenvolveram outro estudo com um programa de práticas educativas positivas para educadores sociais de instituições de acolhimento, utilizando sessões com temáticas de comunicação assertiva, regulação emocional, estratégias de resolução de conflitos e autocuidado. Discutiram a importância dos educadores e de suas práticas, e a necessidade de capacitá-los continuamente para lidar com as complexidades que se apresentam.

Guimarães e Maciel (2022) realizaram um estudo sobre comunicação assertiva como condição para aprendizagem significativa, utilizando entrevistas com professores e alunos em escolas públicas do ensino básico. Os resultados sugeriram que a comunicação confiante, com foco na relação professor-aluno, precisa ser priorizada como ferramenta relevante no ensino,

para benefício dos professores, fazendo com que os alunos se sintam importantes, desenvolvam autoestima, resultando em maior interesse e desenvolvimento intelectual.

Os dados obtidos com a revisão bibliográfica elucidaram conceitos sobre interações comunicativas e favoreceram a definição dos objetivos desta pesquisa.

OBJETIVO

Objetivo Geral

Investigar como professores universitários da área da saúde estabelecem as interações com seus alunos em sala de aula e como entendem o que é uma boa comunicação.

Objetivos Específicos:

- Investigar como os professores referem ser as formas de comunicação que praticam com seus alunos em sala de aula;
- Investigar se os professores percebem os efeitos que obtêm com suas formas de falar com os alunos;
- Verificar como os professores definem o que seria uma comunicação oral ideal com os alunos;
- Verificar quais outros tipos de comunicação os professores referem realizar nas interações com seus alunos.

Hipótese

Os professores reconhecem e compreendem suas atitudes comunicativas em sala de aula.

Justificativa

Esta pesquisa se justifica por abordar um tema complexo e ainda pouco explorado: as formas de comunicação entre professores universitários e alunos da área da Saúde, para conseguir uma interação positiva e favorecer os processos de ensino e aprendizagem, compreendendo que a comunicação é um elemento essencial para as relações humanas e o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis, solucionando conflitos e buscando interações mais harmônicas. No ensino superior, muitas vezes, a formação se direciona para habilidades

específicas da profissão, não tendo, em sua maioria, oportunidades de trabalhar a didática do ensino. Nem sempre os professores estão conscientes dessa limitação, tendo, às vezes, observações unilaterais do processo de ensino, identificando o "lado" discente como insuficiente.

1 PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO HUMANA E INTERAÇÕES EDUCACIONAIS

1.1 Comunicação Humana

A comunicação humana é um tema de investigação muito complexo, podendo ser estudado em diversos campos (educação, saúde, empresas, marketing ou publicitário, jurídico, político, literário), e o uso socialmente autorizado da voz é definido singularmente em cada campo (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). Na literatura, há uma diversidade de nomenclaturas e classificações, devendo-se ter cuidado com definições inconsistentes. Vários estudiosos da comunicação trouxeram contribuições teórico-práticas relevantes sobre este conceito na educação, e este estudo direcionou as pesquisas para esta área.

Os processos de comunicação nem sempre são conscientes e são condições fundamentais para o desenvolvimento humano. A linguagem tem um papel crucial nas interações sociais; pode abrir janelas ou subir paredes. Estabelece distinção entre significado e sentido: aquilo que é convencionalmente estabelecido pelo social é o significado, o sentido é interpretado pelo sujeito, dentro do seu contexto de vida e experiência (Silva, 2012).

A teoria da aprendizagem de Vygotsky (1991) defende que o aprendizado se dá pela interação social e que o desenvolvimento do sujeito é resultado da relação com o mundo e com as pessoas com as quais se relaciona. Essa teoria visa identificar as transformações psicológicas e cognitivas existentes nas interações do sujeito com o mundo. E uma das formas mais importantes de interagir é através da comunicação.

A comunicação é uma palavra derivada do latim “*comunicare*”, que significa o que queremos colocar em comum, o que conseguimos “trocar”, sejam informações, sensações ou emoções. É um processo de transmitir e receber uma mensagem, por linguagem falada, escrita ou expressada, composta por duas partes: o conteúdo que se deseja transmitir e o sentimento de quem comunica (Lima; Maia; Nascimento, 2019). É um fenômeno com uma função social e profissional, no qual a mensagem é conduzida e compreendida por diversas conexões, possibilitando as interações humanas (Silva, 2012).

Vários são os elementos pelos quais nos comunicamos e interagimos uns com os outros, como o tom da voz, o olhar, a expressão facial, a postura, o acolhimento, a escuta passiva e ativa, palavras e atitudes assertivas e afetivas. Em uma reflexão mais ampla, a boa comunicação envolve um comprometimento, uma intenção e uma disponibilidade para nos conectarmos com o outro (Mesquita, 1997).

Atualmente, denomina-se competência comunicativa a capacidade de transmitir a informação desejada, de atingir seu objetivo. Deve haver um ajuste, um equilíbrio entre o que se pretende dizer e como se pode dizer, um equilíbrio com o que se faz e o que se insinua através de gestos nas relações sociais (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004).

O homem age com base na significação que os fatos têm para ele, da sua realidade e crenças, que influenciam o seu comportamento humano e suas interações nos processos de comunicação. A comunicação é o componente central da saúde mental e é essencial ao ser humano desenvolver competência em comunicação interpessoal, uso consciente da comunicação, que pode significar mudança de atitude e comportamento (Severino, 2006).

Stefanelli (1993) estuda modelos específicos de comunicação interpessoal, na tentativa de nortear as interações, e descreve a comunicação como uma capacidade ou competência interpessoal a ser adquirida. A comunicação interpessoal é caracterizada pela presença de atos expressivos e pela percepção consciente ou inconsciente desses atos. Há também a comunicação intrapessoal, que é aquela que acontece dentro do indivíduo, com base nas suas experiências, memórias, sentimentos, e que gera uma interpretação pessoal da mensagem.

A comunicação permeia todas as relações, é uma necessidade humana básica, entendida como um processo de compreender e compartilhar mensagens em um campo interacional, não podendo-se pensar na comunicação como transmissão de forma unidirecional (Mesquita, 1997).

John Dewey (1959) desenvolveu estudos onde descreve que a comunicação é semelhante a uma arte, pois requer capacidade de argumentar persuasivamente, onde há um compartilhamento de experiência conjunta, dando à comunicação um poder na construção de um modo de vida democrático, que pode ajudar uns aos outros a criar um mundo melhor. Na proposta pedagógica de um professor, compreende-se que uma palavra não apresenta apenas a conotação técnica original, mas sentidos genéricos regidos pelos pensamentos, cognição e emoção.

Um ponto importante são as barreiras ou limitações da comunicação, que são elementos que podem interferir ou impedir a comunicação entre as pessoas. Elementos como a capacidade de transmitir e de receber a mensagem (que depende do potencial cognitivo, bagagem cultural, experiências), dificuldade de analisar a significação, falta de habilidade para ouvir, sentir e ver, influência de mecanismos inconscientes, empatia e padrões comportamentais (Stefanelli, 1993).

Conhecer os conceitos da comunicação e os elementos a ela pertinentes, saber como utilizá-los na prática, fazer o uso consciente da comunicação, de forma estratégica, pode favorecer uma interação, especialmente na área da educação. Na área da saúde, há a definição

de comunicação como intervenção terapêutica, compreendida como um conjunto de técnicas, habilidades e intervenções com potencial terapêutico no processo de recuperação e reabilitação (Jalles; Santos; Reinaldo, 2017).

O acelerado desenvolvimento técnico-científico constitui um desafio à chamada era da comunicação, pois o homem pode não conseguir acompanhar, mesmo com todo o aparato eletrônico. O bem-estar humano pode depender da comunicação que ocorre nos processos interpessoais, tanto na vida pessoal quanto profissional, sendo que situações insatisfatórias podem estar ligadas a falhas na comunicação (Stefanelli, 1993). Existem várias formas de classificação e denominações na literatura, podendo ser classificada basicamente em verbal e não verbal (Silva, 2012).

A comunicação humana perpassa pelos ambientes familiares, sociais e educacionais, sendo desenvolvida por aprendizado contínuo no convívio com outros seres humanos, incluindo as interações entre professores e alunos durante o período educacional, exigindo que os professores estejam preparados durante o processo de formação.

1.2 Ensino Superior – formação pedagógica e interacional

1.2.1 Instituições e Formação Pedagógica

As instituições universitárias do Brasil apresentam severas limitações que podem impedir os objetivos de uma formação intelectual e profissional que atenda às reais necessidades culturais da sociedade. Essas instituições objetivam a formação para diferentes carreiras, com necessidade de transmissão e assimilação de conteúdos específicos de cada área, sem legislação específica para a formação docente e sem formação pedagógica ou didática. A fecundidade da pedagogia universitária depende do compromisso com a missão emancipadora da educação, da investigação do processo de ensino-aprendizagem e da competência teórico-prática na fundamentação do conhecimento (Severino, 2013). Têm como compromisso um projeto educacional direcionado para a construção do conhecimento e da cidadania, formação intelectual e profissional, apesar de o ensino ser a função central.

A problemática da docência universitária é um segmento com estudos e investigações recentes; observa-se a necessidade de qualificação pedagógica para promover a emancipação humana, competência teórico-prática e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Um aspecto relevante em relação à função docente no ensino superior é a falta de formações pedagógicas, baixa qualidade didática, ou seja, docentes titulados (mestres, doutores) sem

competência pedagógica. As graduações *stricto sensu*, de modo geral, direcionam para a formação de pesquisadores, aprofundando o conhecimento em áreas especializadas, negligenciando o preparo pedagógico. A avaliação da qualidade docente é pautada prioritariamente na produção acadêmica, e o intuito de aperfeiçoar o ensino superior privilegiou as atividades de pesquisa (Severino, 2013; Lourenço; Lima; Narciso, 2016).

A formação docente deve ser contínua para desenvolver crescimento e reflexão (Vygotski, 1991). Os professores precisam desenvolver conhecimentos especializados das disciplinas científicas e conhecimentos profissionais práticos para a solução de situações problemáticas. A profissionalização precisa de tentativas de reformular e renovar os fundamentos do conhecimento científico da profissão docente, desenvolver autonomia e discernimento, adaptação a situações novas, improvisação e reflexão (Tardif, 2000).

Na área da saúde, a formação profissional tem sido baseada em métodos de ensino tradicionais, fundamentados em uma formação conteudista e tecnicista. Discussões se abrem para refletir sobre a necessidade do desenvolvimento da competência pedagógica no ensino superior (Colares, Oliveira, 2019). Nem sempre os professores estão conscientes dessas limitações didáticas, tendo, às vezes, observações unilaterais do processo de ensino, identificando o lado discente como insuficiente.

1.2.2 Docência no Ensino Superior

Ser docente no ensino superior não é apenas uma questão de domínio de conteúdo, mas se destaca pela necessidade de ensinar o aluno a pensar e a interagir, incluindo a vida fora da escola. É uma prática voltada para as necessidades e realidades vivenciadas pelo aluno, de acordo com seu meio social, sem se distanciar dos fins pedagógicos (Almeida, 2015).

As constantes transformações do mundo atual, com mudanças multidimensionais (Lessard; Tardif, 2001), desafiam a profissão docente e o processo de ensino-aprendizagem, e o professor precisa se adaptar e se capacitar para essas mudanças. Quais são os saberes profissionais necessários, ou seja, conhecimentos, habilidades e competências, são questões que têm sido muito discutidas. Pesquisas descortinam uma série de possibilidades e caminhos de abordagens, com as contribuições de autores como Freire, Shulman e Tardif (Correa; Pasqualli, 2022). Diversos enfoques teóricos e metodológicos discutem a formação inicial e continuada do professor e quais os saberes para legitimar um bom professor.

Freire (1996) defende vários pontos, podendo destacar uma educação que promova a autonomia, a curiosidade e a humildade. Dentre os saberes necessários à prática educativa, a docência exige rigorosidade metodológica, pesquisa, criticidade, ética, aceitação do novo e

rejeição da discriminação, reflexão crítica da prática e respeito aos saberes do educando, competência profissional, alegria e esperança. O autor orienta para a necessidade de o educador assumir uma postura vigilante contra as práticas de desumanização e da perseverança para transformar as dificuldades em um campo de possibilidades. A tarefa docente não é apenas ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo, centrando-se em experiências estimuladoras da decisão, da responsabilidade e da liberdade.

Shulman (2014) defende o protagonismo docente, ações pedagógicas para mobilizar o conhecimento e constrói fundamentos para a reforma do ensino. Enfatiza compreensão, raciocínio, transformação e reflexão. Discute as bases dos conhecimentos para o ensino, que seriam um agregado codificado de conhecimento, habilidades, compreensão e tecnologias, ética e disposição de responsabilidade coletiva, e que essa base está crescendo. Nos processos de raciocínio e ação pedagógica, o professor deve estar atento não apenas à gestão do aluno em sala de aula, mas também à gestão das ideias, com flexibilidade e engajamento. O professor deve ter conhecimento do conteúdo específico, mas é essencial a maneira como essa compreensão é transmitida ao aluno. Precisa ter compromisso com a ciência e a democracia, sendo norteado pelo direito de aprender de cada aluno. As fontes de uma base de conhecimento são muito ricas e abrangentes e, muitas vezes, o ensino é trivializado, suas complexidades são ignoradas, e os professores têm dificuldade para articular o que sabem e como sabem. Novas propostas são discutidas, com várias sugestões para a reforma do ensino, como, por exemplo, a ampliação dos requisitos para a formação dos professores.

Tardif (2014) discute os saberes docentes, que não são apenas aqueles habitualmente atribuídos à docência pela ciência da educação, mas saberes próprios da prática docente, que integram saberes disciplinares, curriculares, culturais e experienciais (Tardif, 2006). Tais saberes necessitam de desenvolvimento progressivo, exigem tempo, prática, experiência e hábitos, e são obtidos por meio de formação contínua e continuada. O professor deve mobilizar os saberes, que são plurais e heterogêneos, expressam-se através de conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser, provenientes de fontes variadas e de natureza diferente (Tardif, 2000; Fiorot Junior, 2020).

Os saberes que servem de base para o ensino, denominados pela expressão *knowledge base*, podem ser entendidos como os saberes mobilizados durante a ação em sala de aula e que fundamentam o ato de ensinar (Tardif; Raymond, 2000). Os saberes docentes e de comunicação compõem um universo sem fronteiras, com demarcações puramente didáticas, de inúmeras procedências, e somente são válidos se utilizados corretamente. As teorias não são excludentes, são complementares (Barbosa; Peixoto; Maia, 2012).

O sucesso da docência pode depender, em grande parte, do perfil comunicativo do professor, e ensinar é saber se relacionar (Behlau; Dragone; Nagano, 2004). O docente universitário, além dos recursos verbais, deve desenvolver expressividade e capacidade de transmitir a informação de modo efetivo, observando a linguagem e a expressão corporal (Romano *et al.*, 2011).

Valorizar a docência é relevante, pois o professor acompanha toda a formação do ser humano, mediando a aquisição de conhecimentos e a formação de cidadãos. A formação profissional, a capacitação e as experiências pessoais e sociais dos docentes podem influenciar a forma como eles se comunicam e interagem com os alunos. Observa-se que nem sempre há uma didática adequada, uma comunicação capaz de transmitir a informação de forma que seja compreendida e retida pelo aluno. Na interação, o bom desempenho depende da consciência e da habilidade de comunicação, considerando como facilitadores algumas características do professor, características do aluno, contato, tipo de conteúdo exposto e a própria comunicação (Castro; Silva, 2001). O professor deve ter domínio do conteúdo, apresentação clara, facilidade de transmissão, estímulo ao aluno para refletir, se expressar, discutir e saber se relacionar.

O aluno do ensino superior, de maneira geral, é um adulto jovem, com funções psicológicas, linguagem e comportamentos adquiridos ao longo de sua formação no ensino básico e fundamental. Suas respostas motoras, cognitivas e memórias estão organizadas com base nas experiências vividas desde a infância até a juventude, e as salas de aula são altamente heterogêneas em relação aos níveis de desenvolvimento e aprendizado dos alunos. Os sistemas funcionais de um adulto são formados por suas experiências na infância. Porém, esses sistemas são plásticos e adaptativos, e pode haver a formação de novos sistemas funcionais de aprendizado, pois o córtex cerebral humano tem um desenvolvimento ilimitado da atividade cerebral (Vygotsky, 1991).

A cobrança por conhecimentos específicos é constante e, se o aluno não estiver engajado, pode abandonar os estudos. Segundo Almeida (2015), repensar a prática pedagógica é fundamental para a construção do conhecimento, instigando o aluno a engajar-se no aprendizado. Para fomentar essa ação, o professor deve ser reflexivo, pesquisar, inovar e transformar, partindo da realidade do aluno e desenvolvendo uma capacidade crítica. As situações de ensino agradáveis despertam no aluno a vontade de repetir e renovar a aprendizagem. Quando há afetividade no processo educativo, há maior possibilidade de o aluno se desenvolver (Guimarães; Maciel, 2022).

Os desafios das práticas docentes devem ser enfrentados além de uma simples renovação pedagógica de novas formas de ensinar e aprender, mas com a superação da visão

instrumental didática, em direção a uma didática fundamental. Nesse contexto, deve-se fazer um balanço crítico e explorar novos caminhos (Souza Neto; Ayoub; Tardif, 2021), buscar ferramentas adequadas para atrair a atenção do aluno, despertar a vontade de aprender e envolvê-lo na aula com perguntas e discussões. É essencial estar aberto a questionamentos e curiosidades, adotando uma postura democrática, respeitosa e flexível em relação ao ponto de vista do aluno, com aulas planejadas, participativas e acolhedoras.

Em qualquer modalidade de ensino, uma dificuldade encontrada é como fazer o aluno desenvolver o senso crítico e elaborar mentalmente a imagem do conteúdo comunicado de forma fiel. Quanto mais abstrata a matéria, maior o desafio das habilidades comunicativas (Silva; Cunha, 2021). No ensino superior, a sala de aula tem características específicas, voltadas para o universo da atuação profissional no futuro.

A comunicação em sala de aula (Vieira; Behlau, 2009) envolve muitos aspectos, como a fala, o corpo e a voz, e necessita de competências comunicativas específicas. Durante a aula, diversos recursos vocais e corporais são utilizados com o objetivo de despertar o interesse do aluno, facilitar a memorização e potencializar seu aprendizado. A voz é o principal meio de comunicação do professor, transmitindo conteúdos e características de sua personalidade. O uso de gestos e o contato visual direcionado podem refletir a personalidade e o comportamento do docente. Quando realizados de forma fluida, esses elementos valorizam a apresentação, contribuindo para a transmissão da mensagem. Padrões articulatórios com sons bem definidos, a velocidade da fala, a expressão facial e a postura podem favorecer ou prejudicar o diálogo. Assim, é importante conhecer os aspectos relativos à comunicação como forma de melhorar a qualidade das interações e dos processos comunicativos.

Uma aula tem uma parte manifesta e intencional, na qual são colocados objetivos, e uma parte não intencional, que acontece em função dos valores e crenças, expressa de forma não verbal, através da forma como nos relacionamos com os alunos. Expectativas e motivação podem influenciar o comportamento e determinar o desempenho. O professor deve ajudar o aluno a organizar o estudo, monitorar seus pensamentos, liberar suas mentes e usar as grandes obras para iluminar suas vidas (Castro; Silva, 2001).

Em vista dessas considerações sobre a formação de professores, compreende-se que, em sala de aula, ocorrem interações múltiplas para que o trabalho pedagógico seja realizado e para que os alunos compreendam e assimilem o que lhes é ensinado. Seria muito relevante que, durante a formação básica e continuada de professores, houvesse capacitação pedagógica e didática.

1.3 Processos Comunicativos

A comunicação é a transmissão de mensagens entre um emissor e um receptor e pode ter várias funções, como informação, educação, motivação e controle. A compreensão adequada da comunicação envolve também o estudo do comportamento humano. A literatura científica apresenta diversas classificações quanto às formas de comunicação, e essas classificações são baseadas nas áreas ou no contexto social em que estão inseridas, como, por exemplo, jornalismo, publicidade e propaganda, marketing, mídias sociais e educação.

Vários exemplos podem ser citados nas classificações da comunicação, como verbal, não verbal, oral, escrita, visual, formal, informal, assertiva, persuasiva, agressiva e não violenta. Este estudo objetivou analisar a esfera da comunicação relacionada à educação.

1.3.1 Comunicação Verbal

A comunicação verbal pode ser classificada em oral e escrita. Na comunicação oral, a voz participa da comunicação entre o mundo e a consciência, sendo uma potência fonética estudada em cursos de fonoaudiologia. A consciência vocabular é constituída ao longo de experiências e encontros com pessoas e com o mundo social, que determinam as relações socializadoras (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). O uso da voz provém de um aprendizado, produz efeito e afeta as relações; seu uso exige adequação às situações de existência social e, em caso de inadequação, pode produzir danos.

A voz é um instrumento essencial à comunicação humana. Ela compõe, com o que é dito, uma unidade de mensagem que permite a atribuição de sentido, ou seja, há uma interdependência semântica. Existe um uso socialmente autorizado e esperado da voz em cada situação. Além disso, ela é capaz de revelar características psicológicas das pessoas, permitindo perceber alegria, tristeza, fadiga, entre outros estados emocionais. A voz participa da comunicação entre o mundo e a consciência, manifestando-se de formas subjetivas. A qualidade da comunicação oral pode sofrer variações devido ao uso da voz e interferir no sentido da mensagem. Tanto a distância física, em metros, quanto a distância social podem influenciar o emprego vocal (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). A voz, o corpo e o espaço guardam uma relação íntima, sendo essencial conhecer as características vocais de cada pessoa e seu contexto de utilização nos âmbitos pessoal, profissional e social, a fim de adequar seu uso (Brasil; Silva, 2016).

O *habitus* vocal é um tipo de saber prático, um conhecimento voltado para a ação e para o uso efetivo da voz, que deve ser precedido de cálculos e reflexão consciente para alcançar fins desejáveis, mas também de manifestações espontâneas. Os indivíduos podem apresentar um *habitus* vocal incompetente, o que, em alguns casos, não está relacionado a um problema moral, mas pedagógico. Pode haver um aprendizado social do uso da voz, permitindo que os humanos se relacionem. Esse aprendizado gera comportamentos vocais, com respeito às regras sociais de emissão vocal (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004).

O uso desregrado da voz pode influenciar a mensagem a ser transmitida. Maneiras de ser e de agir, adquiridas ao longo da trajetória humana, resultam em um hábito vocal, que é um saber prático interiorizado, fruto da compactação de múltiplas experiências de observação vocal própria e de terceiros. Isso significa que esse saber prático decorre de uma forte singularidade na percepção do fato, ou seja, a trajetória do indivíduo determina sua percepção do mundo e sua voz, que são percepções infinitas.

Esse saber prático pode ser passivo ou “não reflexivo”, não dependendo da decisão ou deliberação consciente do indivíduo. Também pode ser calculado, quando o locutor controla conscientemente a forma vocal da mensagem. Esse controle obedece a uma série de técnicas que indicam quais elementos facilitam a recepção da mensagem (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). Dentro dessas técnicas, pode-se citar as pausas, o tom e a velocidade da voz. Padrões articulatórios com sons bem definidos, a velocidade da fala, a expressão facial e a postura podem favorecer ou prejudicar o diálogo (Vieira; Behlau, 2009).

Dentre os elementos da comunicação verbal, temos o emissor, o receptor e a mensagem. As mensagens são enviadas e recebidas na forma verbal (escrita ou falada) e não verbal (manifestação de comportamento), por meio de canais que se referem aos órgãos dos sentidos (visão, audição e tato, podendo considerar também olfato e paladar). Em um ato comunicativo, podemos utilizar um ou mais canais que, quando usados de forma efetiva, asseguram a percepção acurada da mensagem. Há ainda uma forma chamada paraverbal ou paralinguística, que é expressa pelo tom de voz, ritmo e pausa. Para comunicar-se adequadamente, é necessário ser capaz de perceber como a mensagem afeta as outras pessoas e como seus próprios sentimentos influenciam a comunicação. É a percepção que dá significado às interações e permite decifrar manifestações verbais e não verbais (Stefanelli, 1993).

Para que o intercâmbio de mensagens seja efetivo, é necessário conhecer o repertório do receptor, que envolve conhecimento, crenças, linguagem, vocabulário, ou seja, sua bagagem cultural e experiência de vida. A comunicação pode ter funções como investigação, informação, persuasão e entretenimento (Stefanelli, 1993).

A comunicação verbal pode parecer ser a única portadora de mensagens durante as interações, mas está associada a uma variedade de eventos e não pode ser estudada de forma isolada.

1.3.2 Comunicação Não Verbal

A comunicação não verbal ocorre nas interações pessoa a pessoa. É entendida como ações ou processos que têm significado para as pessoas e constitui uma forma de manifestação subjetiva, podendo revelar o estado de espírito de um indivíduo (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). Trata-se de uma linguagem muito complexa de interação pessoal, ocorrendo sem a utilização de palavras, por meio de gestos, posturas corporais, silêncio, expressões faciais, capacidade de observação do outro e de si mesmo, e até pela distância mantida entre os indivíduos. Expressa sentimentos, emoções e reações, além de transmitir mensagens. Possui um caráter intuitivo, podendo não obedecer à nossa vontade e, por vezes, contradizer o que está sendo dito por meio das palavras (Silva *et al.*, 2000). O alcance da verbalização pode ser questionado, o que ressalta a importância da linguagem do corpo e dos gestos (Silva; Peixoto Júnior, 2017). Segundo Vygotski (1991), os gestos são "a escrita no ar".

Na área da Psicologia, alguns estudos descrevem que as palavras são responsáveis por uma pequena parte da comunicação nas interações humanas, sendo a maior parte transmitida por sinais paralinguísticos e sinais corporais. Há pesquisas demonstrando que as relações interpessoais podem ser mais influenciadas por canais de comunicação não verbais do que verbais e que, em determinadas profissões, os sinais não verbais podem ter grande relevância (Mesquita, 1997).

Silva (2012) afirma que a comunicação verbal é um processo do ser social, enquanto a comunicação não verbal é a exteriorização do ser psicológico. É possível que, ao observarmos o outro atentamente, analisando seu comportamento, sejamos capazes de compreender o que ele está pensando. A percepção docente sobre o uso adequado da comunicação não verbal pode qualificar as relações com os alunos e potencializar o aprendizado (Amorim; Silva, 2014).

A comunicação não verbal é composta por expressões, movimentos, posturas e aparência física, exteriorizando o ser psicológico. Por vezes, tentamos disfarçar ou amenizar um sentimento que pode ser evidenciado por essa forma de comunicação. A importância da expressividade no processo comunicacional vem sendo estudada, e sabe-se que os estados emocionais do professor e do aluno podem interferir no aprendizado, resultando em uma

comunicação pouco efetiva (Sousa; Leal; Sena, 2010). Quando os docentes têm consciência e coerência entre seu discurso e sua ação, transformam-se em melhores educadores (Silva, 1996).

1.3.3 Comunicação, comportamento e corpo

Há uma relevância nas interações dos processos comunicativos e suas relações com o comportamento humano (Fiorot Junior, 2020). A comunicação, na função educadora, pode influenciar o comportamento das pessoas, pois elas reagem a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (Silva *et al.*, 2000). A resposta do emissor tem função reguladora e informa sobre o impacto de sua mensagem, podendo promover controle da ação e tomada de decisão. Essa resposta pode ser classificada como positiva (ou corretiva) e negativa, sendo positiva quando encoraja uma mudança de comportamento. O efeito da experiência da comunicação pode ser emocional, físico ou cognitivo (Stefanelli, 1993).

Nesse contexto, entende-se que, para abordar a comunicação, é necessário, além de uma análise da comunicação oral, também analisar o comportamento humano, pois recursos corporais, como o uso de gestos e contato visual, podem potencializar o aprendizado (Vieira; Behlau, 2009).

O corpo é cheio de significados, um centro de informações que se comunica junto com as palavras e, através dele, somos capacitados a perceber e sentir determinados comportamentos. Ele pode revelar mensagens sutis, muitas vezes de forma inconsciente, e pode modificar ou ser incoerente com a comunicação verbal (Sousa; Leal; Sena, 2010).

A comunicação pode efetuar mudanças comportamentais e estabelecer relacionamentos efetivos, funcionando como um princípio organizador que une um ser ao outro e abrange os modos pelos quais uma pessoa pode afetar a outra, de forma verbal ou não verbal (Pinto, 2009).

1.3.4 Comunicação Não Violenta (CNV)

A Comunicação Não Violenta (CNV) é descrita como um conjunto de técnicas que aprimoram os relacionamentos pessoais e profissionais, uma forma de se comunicar de maneira respeitosa, que tem sido estudada em vários campos das relações humanas, como ambientes organizacionais, psicologia, saúde, mediação e solução de conflitos, liderança, entre outros.

A relação entre linguagem e violência é tema de pesquisas, e Marshall Rosenberg (2006) publicou um livro que ampliou o conhecimento desse conceito. Ele propõe quatro focos de

atenção ou componentes: **observação** (consiste em separar o que de fato aconteceu em uma situação das avaliações que fazemos sobre ela), **sentimentos** (expressar nossos sentimentos, trazendo nossa vulnerabilidade e nos aproximando uns dos outros), **necessidades** (as motivações que nos levam a fazer, falar e escolher) e **pedido** (expressão de como gostaríamos de atender nossas necessidades).

A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de sermos mais humanos, mesmo em condições adversas. Ela nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos, ampliando a consciência do que percebemos, sentimos e desejamos. Aprender a se comunicar de forma compassiva nos conecta uns aos outros, reformulando como nos expressamos e escutamos.

A CNV reforça a importância de excluir comparações, exigências e julgamentos moralizadores, evitando ideias rígidas de certo e errado, considerando que, ao analisarmos o outro, expressamos nossos próprios valores e necessidades. Todos fazemos juízos de valor, que refletem aquilo que acreditamos ser melhor para a vida, mas, nesse caso, não insinuamos se algo está certo ou errado. Dessa forma, expressamos compaixão. A raiz da violência está na atribuição de que o outro está errado e na incapacidade de pensar em si mesmo e nos outros em termos de vulnerabilidade. Observar sem avaliar é considerada a forma mais elevada de inteligência humana. Identificar e expressar sentimentos é essencial, pois sentimentos não expressos têm um custo emocional alto (Ribeiro; Seibt, 2021).

A CNV valoriza a presença, a atenção e a escuta empática. Envolve componentes-chave que permitem a expressão honesta e assertiva, sendo eles: observação, identificação e expressão de sentimentos e reconhecimento das necessidades que precisam ser atendidas (Adriani *et al.*, 2023).

1.3.5 Comunicação Assertiva

A comunicação assertiva é descrita como aquela que apresenta uma linguagem acessível e envolve expressar-se de forma clara, com fluência verbal e capacidade de ouvir melhor. Está relacionada não apenas com a forma verbal, mas também com a comunicação não verbal e corporal, como a maneira de se vestir e se comportar. Pode ser caracterizada pela objetividade, flexibilidade (estar aberto) e afetividade. É uma ferramenta essencial na interação professor-aluno e no processo de aprendizagem (Guimarães; Maciel, 2022).

Para entender a comunicação assertiva, é necessário compreender o conceito de assertividade, que pode ser descrito como objetividade, segurança e confiança. Isso envolve

estar atento à própria linguagem, à capacidade de se expressar com coerência e à escuta ativa (Almeida; Ciosak, 2013).

A assertividade envolve a utilização de estratégias para garantir eficiência e eficácia na comunicação, como ser sucinto, específico e relevante. Evitar o excesso de informações e manter uma sequência lógica de ideias são aspectos fundamentais para uma comunicação objetiva (Ribeiro; Gomes, 2024).

As experiências pedagógicas podem influenciar o desenvolvimento humano, preparando os alunos para desenvolver inteligência emocional e social (Del Prette *et al.*, 1998). Nesse contexto, a comunicação assertiva prevê o uso do comportamento vocal, com variações de voz, para alcançar o efeito desejado nos ouvintes.

Os processos comunicacionais podem influenciar a saúde e a sociedade. Atualmente, vivemos uma epidemia de problemas de saúde mental. O caminho científico é desenvolver conhecimento, mas a vida moderna pode se traduzir em um excesso de informação e exaustão cognitiva. Há uma grande disponibilidade de informações, o que pode desafiar a capacidade de desenvolver e reter o conhecimento.

Um novo caminho para o conhecimento se faz necessário, com uma nova visão de mundo que amplie a capacidade de perceber e ser no mundo. É preciso uma nova perspectiva sobre a vida, que inclua uma dimensão negligenciada pelo pensamento cartesiano: a dimensão coletiva (estamos inseridos dentro de uma família, da sociedade, do meio ambiente) e a dimensão sutil (aquilo que não é visível). O primeiro objetivo da escola não é apenas o conhecimento, mas também a convivência, o aprender a ser e a fazer. Para que o aluno queira ir à escola, ela precisa fazer sentido para ele.

O método científico cartesiano trouxe muitos benefícios, mas pode estar desconectado das necessidades profundas do ser humano. Não conseguimos dissociar a vida privada do que acontece na escola e, em um enunciado comum, afirma-se que “a vida ensina mais que a escola” (Paviani, 2011).

É necessária uma nova postura e uma nova visão perante o processo educacional. O professor precisa desenvolver autoconhecimento e estar disponível para novas versões de si mesmo. O sucesso de uma instituição está diretamente relacionado ao bem-estar dos professores, e esse bem-estar passa pelo autoconhecimento.

No estudo da comunicação, há uma variedade de conceitos e definições que desafiam a elaboração e organização teórica da área, muitas vezes resultando na ausência de consenso. A indefinição de fronteiras epistemológicas pode gerar dificuldades práticas no trabalho acadêmico, mas há um esforço em diversas instâncias para encontrar melhores caminhos,

mapeando desafios e criando possibilidades. É fundamental identificar as inúmeras interfaces com outras áreas, abrindo fronteiras e constituindo um movimento transdisciplinar.

Olhar para a rede complexa de interações sociais significa perceber práticas, discursos, diálogos e contextos de interação como um todo múltiplo em constante movimento. A prática comunicativa é uma dinâmica que utiliza e produz linguagem para gerar entendimento sobre algo no mundo objetivo e subjetivo. Esse entendimento não se estabelece unicamente pela via racional, mas também pela emoção e afetividade. Estudos desenvolvidos são relevantes para compreender as dimensões do processo comunicativo, para a produção de conhecimento e para a identificação de oportunidades de aprendizado ainda não construído. A vida nos revela a força das interações comunicativas.

Evidencia-se que, após as leituras dos artigos encontrados no levantamento bibliográfico e dos teóricos escolhidos para o embasamento desta pesquisa, surgiram reflexões que nortearam a elaboração do questionário para avaliação da comunicação docente, descrito na seção intitulada Traçado Metodológico.

2 TRAÇADO METODOLÓGICO

O projeto desta pesquisa foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil (CAAE 76121623.6.0000.5383).

2.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa realizada foi investigativa, exploratória e qualitativa, buscando compreender como os professores da área da saúde percebem suas formas de comunicação oral em sala de aula no ensino superior. Técnicas exploratórias são fontes naturais e ricas de informação, permitindo a interpretação das informações obtidas, a exploração aprofundada dos contextos e a decodificação das mensagens.

A pesquisa qualitativa se estrutura propondo uma investigação que não objetiva uma simples mensuração, mas sim a busca do conhecimento para a compreensão de fenômenos e a solução de problemas. Esse método de investigação tem um valor relevante nas pesquisas educacionais, possibilitando uma aproximação maior das perspectivas dos sujeitos e permitindo conhecer novos aspectos de um problema (Lüdke; André, 1986).

2.2 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Universidade particular do interior do estado de São Paulo, onde foram convidados os professores atuantes em sete cursos da área da saúde, cujo acesso pôde ser realizado em uma mesma unidade da instituição. O procedimento ocorreu após a obtenção da autorização do Pró-Reitor Acadêmico, dos respectivos coordenadores dos cursos e da chefia do Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde.

2.3 Participantes da Pesquisa

Critérios de Inclusão: Professores que lecionam nos cursos de Biomedicina, Enfermagem, Estética, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia.

Critério de Exclusão: Professores que lecionam em outros cursos da área da saúde e em outros departamentos.

O contato inicial com os possíveis participantes foi realizado por meio de um convite impresso (Apêndice 1), distribuído aos professores da instituição. Efetivamente, 22 professores aceitaram participar desta pesquisa, sendo 8 do gênero masculino e 14 do gênero feminino.

Para garantir o sigilo ético dos participantes, optou-se por identificá-los, ao longo do texto, como PM (Professor do gênero Masculino) e PF (Professor do gênero Feminino), seguidos por números.

O Quadro 1 apresenta dados referentes ao gênero, idade, tempo de docência no ensino superior e carga horária de trabalho dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Caracterização dos professores participantes.

Professores	Idade	Faixa Etária 32 a 57	Tempo de Docência (em anos)	Faixa de Tempo Docência	Carga Horária Semanal	Faixa de Carga Horária
PM1	48	41 – 50 ^a	10	6 - 10	15h	11 a 20h
PM2	47	41 - 50 ^a	17	16 – 20	36h	31 a 40h
PM3	52	51 - 60 ^a	25	21 - 25 ^a	40h	31 a 40h
PM4	50	41 - 50 ^a	27	> 25 ^a	40h	31 a 40h
PM5	47	41 - 50 ^a	18	16 - 20 ^a	30h	21 a 30h
PM6	48	41 - 50 ^a	10	6 - 10 ^a	15h	11 a 20h
PM7	52	51 - 60 ^a	20	16 - 20 ^a	12h	11 a 20h
PM8	44	41 - 50 ^a	12	11- 15 ^a	12h	11 a 20h
PF1	41	41 - 50 ^a	10	6 - 10 ^a	40h	31 a 40h
PF2	48	41 - 50 ^a	22	21 - 25 ^a	36h	31 a 40h
PF3	57	51 - 60 ^a	22	21 - 25 ^a	40h	31 a 40h
PF4	35	31 - 40 ^a	10	6 - 10 ^a	4h	< 10h
PF5	54	51 - 60 ^a	24	21 - 25 ^a	21h	21 a 30h
PF6	37	31 - 40 ^a	2	1 - 5 ^a	24h	21 a 30h
PF7	33	31 - 40 ^a	5	1 - 5 ^a	12h	11 a 20h
PF8	53	51 - 60 ^a	14	11 - 15 ^a	6h	11 a 20h
PF9	49	41 - 50 ^a	18	16 - 20 ^a	20h	< 10h
PF10	40	31 - 40 ^a	10	6 - 10 ^a	4h	< 10h
PF11	43	41 - 50 ^a	14	11 - 15 ^a	16h	11 a 20h
PF12	53	51 - 60 ^a	23	21 - 25 ^a	12h	11 a 20h
PF13	32	31 - 40 ^a	2	1 - 5 ^a	30h	21 a 30h
PF14	52	51 - 60 ^a	22	20 - 25 ^a	6h	< 10h

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

A idade média dos participantes foi de 46 anos, variando de 32 a 57 anos. O tempo médio de docência foi de 15 anos, com variação de 2 a 27 anos, sendo que 20 dos 22 professores são experientes na profissão, com mais de 5 anos de docência, ou seja, professores veteranos. Diversos aspectos podem influenciar o conhecimento docente e, dentre eles, Shulman (2014) destaca o tempo de docência como um elemento importante, pois professores mais experientes tendem a ter mais conhecimentos, compreensão e habilidades.

Os estudos sobre a docência no ensino superior são relativamente recentes e buscam compreender quais qualidades, habilidades e capacidades são necessárias para transformar um professor em um profissional competente. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico e a formação de educadores profissionais são temas de discussão, e não há uma formação

específica para isso. Grande parte dos docentes não possui formação pedagógica ou didática, e sua atuação em sala ocorre de forma intuitiva e replicadora. Novas propostas são sugeridas sobre as bases do conhecimento para o ensino e os requisitos para a educação (Shulman, 2014).

A análise da carga horária de atuação revelou uma variação entre 4 e 40 horas semanais, com média de 21 horas. A maioria dos professores dedica boa parte de seu tempo ao magistério, sendo que apenas quatro têm uma jornada inferior a 10 horas. Embora a amostra evidencie uma carga horária média regular, há 10 professores com uma demanda elevada, acima de 21 horas semanais, lecionando em até oito cursos. Deve-se considerar que pesquisadores têm discutido a alta exigência do trabalho docente (Birolim *et al.*, 2019), que pode resultar em sobrecarga, estresse e falta de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional dos professores. Assim, recomenda-se que as instituições de ensino estejam atentas a essas demandas, que envolvem a saúde física e mental dos profissionais (Birolim *et al.*, 2019).

O Quadro 2 apresenta a distribuição dos professores de acordo com os cursos em que lecionam na universidade. Muitos dos docentes da área da saúde, convidados a participar da pesquisa, também lecionam em outras áreas, conforme descrito abaixo.

Quadro 2 - Cursos em que os professores lecionam

	PF1	PF2	PF3	PF4	PF5	PF6	PF7	PF8	PF9	PF10	PF11	PF12	PF13	PF14
Biologia					X		X							
Biomedicina					X		X	X	X					
Educ. Física									X					
Estética							X		X					
Farmácia					X		X	X	X					
Fisioterapia	X	X		X	X	X	X		X	X			X	
Med. Veterinária							X							
Nutrição					X		X	X						X
Odontologia							X							
Psicologia			X								X	X		
	PM1	PM2	PM3	PM4	PM5	PM6	PM7	PM8						
Biomedicina		X					X							
Farmácia							X							
Fisioterapia	X	X	X	X	X	X	X							
Medic.veterinária							X							
Psicologia								X						

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

Os participantes atuam em um ou mais cursos na universidade e, conforme exposto no Quadro 2, a maioria (15) leciona no curso de Fisioterapia (curso no qual a pesquisadora é docente). O PF7 leciona em oito cursos, PF5 e PF9 lecionam em cinco cursos, e PM7 em quatro cursos. Esses dados podem indicar uma alta demanda de trabalho docente, um tema relevante

e objeto de estudo e preocupação devido ao impacto que pode causar na vida dos professores, resultando em sobrecarga e estresse (Birolim *et al.*, 2019).

Essa caracterização evidencia uma diversidade em relação à idade, tempo de magistério no ensino superior, carga horária e disciplinas ministradas, compondo um grupo de participantes com diferentes perfis, o que enriquece os resultados desta pesquisa.

2.4 Instrumento de Pesquisa

Os dados foram obtidos por meio de um questionário estruturado, elaborado pela pesquisadora no *Google Forms* (Apêndice 2), contendo itens de múltipla escolha e dissertativos, com a alternativa "Prefiro não responder" disponível em cada um deles. Para garantir a validade e a confiabilidade, esse questionário foi testado por quatro professores em um projeto piloto.

Todos os professores atuantes nos cursos selecionados foram convidados a participar por meio de um convite impresso, no qual foram explicados o objetivo da pesquisa e o método utilizado. O convite também continha um link do *Google Forms*, permitindo que os interessados acessassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após aceitá-lo, os participantes puderam acessar e responder ao questionário (Anexo 1). O convite ficou exposto na sala dos professores, e a pesquisadora solicitou aos coordenadores dos cursos que o divulgassem entre os docentes durante as reuniões pedagógicas.

2.5 Análise de Dados

As respostas às questões de múltipla escolha foram contabilizadas, observando-se a frequência dos dados, enquanto as questões dissertativas foram analisadas qualitativamente, considerando os temas mais recorrentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunicação faz parte da vida do ser humano e envolve um contexto complexo e amplo. Portanto, este estudo não teve a intenção de abordar o tema em sua totalidade, mas sim destacar e discutir pontos importantes da comunicação docente no ensino superior, especificamente na área da saúde.

Nesta seção, serão apresentados os resultados quantitativos e qualitativos decorrentes das respostas às questões propostas, que buscavam compreender os elementos que compõem uma boa comunicação, segundo o posicionamento dos professores participantes. De forma complementar, esses resultados serão analisados com o apoio da literatura consultada, a fim de obter um delineamento sobre como os professores percebem suas formas de falar e a relação dessas formas com o processo de interação com os alunos.

3.1 Como docentes avaliam o uso da voz em sala de aula

No Quadro 3 e na Tabela 1 encontram-se os dados sobre como os professores consideram suas comunicações orais com os alunos, desde uma análise das formas de interação até reflexões sobre o uso da voz e da fala durante os contatos por comunicação oral em sala de aula. Esses aspectos incluem a presença de pausas nas frases, o tom (timbre) da voz, o volume (intensidade) da voz e a velocidade da fala.

Esses detalhes, possivelmente, nunca foram observados por alguns professores. No entanto, a reflexão sobre eles poderá contribuir para um melhor controle em momentos comunicativos posteriores.

No Quadro 3, destaca-se o posicionamento individual de cada professor em relação às suas características vocais e à percepção do efeito das interações por comunicação oral com os alunos. Já na Tabela 1, encontram-se os dados numéricos que mostram quantos professores relataram percepções semelhantes sobre suas vozes.

Quadro 3 - Caracterização da fala de professores.

PROFESSORES	INTERAÇÃO COM ALUNOS	PAUSA NA FALA	TOM DE VOZ (timbre)	VOLUME DA VOZ (intensidade)	VELOCIDADE DA FALA
PM1	Ótima	Frequente	Grave	Variável	Variável
PM2	Boa	Nunca observei	Nunca observei	Médio	Rápida
PM3	Ótima	Pouco frequente	Grave	Alto	Moderada
PM4	Ótima	Frequente	Variável	Alto	Lenta
PM5	Boa	Nunca observei	Médio	Alto	Rápida
PM6	Ótima	Frequente	Médio	Variável	Variável
PM7	Boa	Nunca observei	Grave	Alto	Moderada
PM8	Boa	Pouco frequente	Grave	Baixo	Moderada
PF1	Boa	Pouco frequente	Médio	Médio	Moderada
PF2	Boa	Pouco frequente	Variável	Alto	Rápida
PF3	Ótima	Frequente	Médio	Médio	Moderada
PF4	Boa	Pouco frequente	Médio	Alto	Muito rápida
PF5	Boa	Frequente	Médio	Alto	Moderada
PF6	Boa	Pouco frequente	Médio	Médio	Moderada
PF7	Boa	Frequente	Variável	Alto	Moderada
PF8	Boa	Pouco frequente	Rouca	Alto	Rápida
PF9	Boa	Nunca observei	Médio	Alto	Lenta
PF10	Ótima	Frequente	Agudo	Baixo	Moderada
PF11	Boa	Frequente	Médio	Alto	Moderada
PF12	Ótima	Pouco frequente	Médio	Baixo	Moderada
PF13	Boa	Pouco frequente	Variável	Médio	Moderada
PF14	Boa	Pouco frequente	Médio	Médio	Lenta

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas dos participantes (2024).

Quando questionados sobre como avaliam sua interação com os alunos, todos os professores a classificaram de forma positiva: 15 professores avaliaram sua interação como boa, e 7 a avaliaram como ótima. Cabe ressaltar que esses dados refletem a percepção dos professores, não havendo uma avaliação por parte dos alunos para confirmar essa informação.

Na avaliação do tom da voz, 11 professores o classificaram como médio, 4 como variável, 4 como grave e 1 como rouco. Observou-se que 2 professores nunca haviam prestado atenção ao tom de sua voz durante as aulas.

Quanto à velocidade da fala em sala de aula, 12 professores a avaliaram como moderada, 4 como rápida, 3 como lenta, 1 como muito rápida e 2 como variável.

Tabela 1 - Dados numéricos da avaliação das percepções da fala.

Interação c/ alunos		Pausa na fala		Tom de voz/ timbre		Volume da voz/ intensidade		Velocidade da fala	
ÓTIMA		FREQUENTE		GRAVE		ALTO		MUITO RÁPIDA	
PM	4	PM	3	PM	4	PM	4	PM	0
PF	3	PF	5	PF	0	PF	7	PF	1
BOA		POUCO FREQUENTE		MÉDIO		MÉDIO		RÁPIDA	
PM	4	PM	2	PM	2	PM	1	PM	2
PF	11	PF	8	PF	9	PF	5	PF	2
		NUNCA OBSERVARAM		AGUDO		BAIXO		MODERADA	
		PM	3	PM	0	PM	1	PM	3
		PF	1	PF	1	PF	2	PF	9
				VARIÁVEL		VARIÁVEL		LENTA	
				PM	1	PM	2	PM	1
				PF	3	PF	0	PF	2
				ROUCA				VARIÁVEL	
				PM	1			PM	2
				PF	0			PF	0
				NUNCA OBSERVARAM					
				PM	1				
				PF	0				
Total: 22		Total: 22		Total: 22		Total: 22		Total: 22	

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas dos participantes (2024).

Existe um saber prático que pode ser calculado, no qual o locutor controla conscientemente a forma vocal da mensagem. Esse controle obedece a uma série de técnicas que indicam quais elementos facilitam a recepção da mensagem (Barros Filho; Lopes; Belizário, 2004). Dentro dessas técnicas, pode-se citar as pausas, o tom e a velocidade da voz. Padrões articulatórios com sons bem definidos, a velocidade da fala, a expressão facial e a postura podem favorecer ou prejudicar o diálogo (Vieira; Behlau, 2009).

De acordo com os dados da amostra, observa-se que a maioria dos professores utiliza de forma adequada o tom e a velocidade da fala, embora 8 professores tenham relatado falar de forma muito rápida, rápida ou lenta.

Na avaliação do volume da voz, boa parte dos docentes relatou volumes extremos: 11 avaliaram seu volume como alto, e 3, como baixo. O volume da voz pode influenciar as relações, podendo legitimar ou não o porta-voz, de acordo com seu conhecimento, postura e contexto.

O volume alto para lecionar traz uma questão a ser refletida: se esse volume elevado caracteriza uma fala com comando eficaz ou não. A alteração do volume pode indicar um comando eficaz ou um desequilíbrio na fala (Barros Filho, Lopes, Belizário, 2004). O volume

baixo também gera dúvidas sobre se compromete a atenção e a compreensão por parte dos alunos.

3.2 Como docentes percebem suas habilidades comunicativas em sala de aula

Para obter os dados, foram elaboradas seis questões dissertativas com o objetivo de identificar informações qualitativas sobre as percepções dos docentes em relação às suas habilidades comunicativas. As questões buscaram compreender como os professores entendem a comunicação assertiva, como descrevem sua comunicação oral, quais atitudes auxiliam sua comunicação, bem como os fatores que dificultam e facilitam esse processo.

O Quadro 4 apresenta, na íntegra, as respostas dos participantes desta pesquisa sobre suas habilidades comunicativas.

Quadro 4 - Habilidades comunicativas em sala de aula.

Quais são as suas percepções sobre suas habilidades comunicativas em sala de aula?	
PF1	Há interação entre as minhas falas com as dos alunos durante as aulas
PF2	Acredito que tenho dificuldades em avaliar o quanto os ouvintes estão realmente conectados ao que eu falo. Procuro em pausas apresentar questões que busquem trazer esta conexão, mas ainda assim sinto falhas na minha forma de me expressar e manter a atenção dos ouvintes.
PF3	nunca pensei nisso
PF4	Procuro sempre posições dentro de sala que favoreçam que a voz projete para a sala toda. Durante as explicações busco termos que os alunos conheçam e incorporo nas explicações.
PF5	Boas, com interação por parte de um grupo e desinteresse de uma minoria.
PF6	Acredito que me comunico bem com os alunos, no conteúdo proposto e tento transpor a comunicação com escuta empática.
PF7	Percebo que consigo criar boas conexões, na medida do possível deixo a aula leve e descontraída. Tenho um timing de aula bom, mesclo com vídeos e exercícios e assim acho que a aula flui melhor. Mas, entendo que alguns assuntos são complexos e difíceis de entender.
PF8	Tenho uma boa didática, sou comunicativa, usar de muitos exemplos práticos
PF9	Trabalho muito fazendo perguntas durante a aula, para trazer o aluno e fazê-lo pensar e não dispersar.
PF10	Percebo que a cada ano venho procurando melhorar minha comunicação, o que tem permitido uma melhor conexão com os alunos. Porém necessito melhorar ainda mais.
PF11	Consigo organizar a fala, tento sempre separar em passos e tenho facilidade para a escuta sem julgamento.
PF12	Considero-me bastante comunicativa, considero ter clareza na explanação e também uma boa capacidade de escuta dos alunos para que as aulas possam ser dialogadas, método que uso de forma constante em minhas disciplinas.
PF13	Faz diferença
PF14	acredito que sou bem comunicativa e me expresso bem
PM1	interação com os alunos
PM2	Creio que minhas habilidades sejam boas. Com o passar dos anos, pude adequar o conteúdo transmitido às diversas situações de sala de aula e diferentes categorias de alunos.
PM3	Com a experiência ao longo do tempo de docência, o docente passa a utilizar de novas estratégias de comunicação com os alunos, geralmente utilizando informações que saem na mídia ou são conhecimentos clássicos, para utilizar como exemplos e fazer o link com o conteúdo que está sendo abordado!
PM4	Clareza e objetividade

PM5	Creio que minhas habilidades sejam boas. No início da carreira de docente, não, mas com o tempo e experiência, pude notar que consigo transmitir o conhecimento de forma mais simples, mantendo o conteúdo.
PM6	Aceitável
PM7	Fala expositiva...discussão em sala de aula
PM8	Percebo como boa no sentido da didática, descontração e, ao mesmo tempo, compromisso com o conteúdo.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

Dentre as habilidades educativas, a habilidade de comunicar tem um papel relevante e, segundo Tardif (2014), a interação e a comunicação constituem o núcleo da profissão docente, nunca param de acontecer e se desenvolver.

Na avaliação das respostas sobre as percepções dos professores quanto às suas habilidades comunicativas, foi possível identificar que a maioria considera ter boas habilidades, descrevendo-as como interação (PF1, PF5, PM1), conexão com os alunos (PF2, PF7, PF10) e adequação de conteúdo (PM2).

É necessário destacar que o PF7 considera ter uma boa comunicação, porém a relaciona com materiais didáticos. Os professores PF6, PF11 e PF12 ressaltam a importância da escuta como uma habilidade essencial. Outras habilidades descritas incluem boa didática (PF8), expressar-se bem (PF14), com clareza (PF12), fazer perguntas (PF9), dar exemplos (PF8), organização da fala (PF11) e estimular o pensamento crítico dos alunos (PF9).

Elementos como clareza e objetividade (PM4), transmissão do conhecimento de forma simples (PM5), diálogo (PF12), discussão em sala de aula (PM7) e utilização de novas estratégias de comunicação também foram mencionados. Alguns professores destacaram que a comunicação pode fazer a diferença na aprendizagem (PF13), citando o uso da projeção da voz (PF4), bem como um tom de aula mais leve (PF7) e descontraído (PF7, PM8).

No entanto, alguns professores apresentaram considerações que indicam uma percepção negativa sobre sua comunicação. Entre elas: nunca pensei nisso (PF3); considera sua comunicação aceitável (PM6); sente falhas e dificuldade em identificar a conexão dos alunos com a fala (PF2); alguns assuntos são complexos e difíceis de entender (PF7); e necessita melhorar (PF10).

Na Tabela 2, apresenta-se a quantificação e a qualificação das respostas mais frequentes, que não correspondem ao número total de respondentes (22), mas sim ao número de vezes que cada alternativa foi mencionada.

Freire (1996) discute que a postura do professor deve estar aberta aos questionamentos e curiosidades dos alunos, tornando-o um educador que ensina e respeita, e não apenas transfere conhecimento. Os dados encontrados na Tabela 2 mostram que a maioria dos professores relata

possuir habilidades comunicativas em sala de aula, apesar de alguns reconhecerem falhas, dificuldades de conexão e necessidade de melhoria.

Tabela 2 - Percepções de docentes sobre suas habilidades comunicativas em sala de aula.

Percepções aproximadas de comunicação oral		Percepções distanciadas de comunicação oral	
Fazer perguntas / dar exemplos / fazer alunos pensarem / organizar a fala / diálogo / discussão/	7	Adequação conteúdos / materiais didáticos	2
Transmissão conhecimento de forma simples / Fazer perguntas / dar exemplos / fazer alunos pensarem / organizar a fala / diálogo / discussão/	7	Nunca pensou nisso	1
Interação / conexão com os alunos	6	Comunicação aceitável	1
Projeção da voz / comunicação / clareza e descontração	4	Conteúdos complexos	1
Escuta dos alunos	3	Sente falhas / necessita melhorar	1
Formas de se expressar (bem / clareza / objetividade)	3	Dificuldade de identificar a conexão	1
Boa didática	2		
Postura	1		
Uso de novas estratégias de comunicação	1		
Total: 27		Total: 5	

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024)

O Quadro 5 apresenta as respostas dos participantes desta pesquisa sobre a comunicação assertiva.

Quadro 5 - Compreensão sobre comunicação assertiva

O que você entende ser uma comunicação assertiva?	
PF1	É uma comunicação respeitosa e que há compreensão dos temas pela maioria dos alunos
PF2	Entendo que é aquela que utiliza menos palavras para traduzir uma informação e também aquela que apresenta significado aos que escutam (que se correlacionam com a sua experiência de vida de alguma forma).
PF3	falar objetivamente o que deseja para o ouvinte
PF4	Quando o objetivo é atingido, ou seja, quando o que o orador fala chega aos ouvidos da plateia de maneira correta.
PF5	Que transmite clareza.
PF6	Comunicação que vem da análise do que é exposto, de forma a modular uma resposta adequada e gentil, empática e sem julgamentos.
PF7	Comunicação clara e sem enrolação ou prolixidade.
PF8	Perceber se o aluno compreende o que está explanando
PF9	O ato do professor usar uma linguagem acessível que faça o aluno compreender. Uma linguagem clara.
PF10	É aquela onde se consegue passar as informações aos alunos de forma mais clara possível, que permita um bom entendimento dos alunos.
PF11	Falar o que é necessário sem julgamento e
PF12	Entendo tratar-se da habilidade em comunicar com clareza, no momento adequado, bem como saber ouvir e responder às dúvidas daqueles com quem nos comunicamos, de forma respeitosa.
PF13	Quando ambos os participantes da comunicação entendem contexto, proposta e desfecho da conversa
PF14	comunicação clara e direta
PM1	O aluno entender o que eu vou falar
PM2	Como a capacidade de se expressar de forma objetiva e ser compreendido.
PM3	Não tenho conhecimento sobre este termo.

PM4	Aquela que alcança os objetivos em relação às metas propostas
PM5	Como a habilidade de transmitir a informação de forma clara e objetiva
PM6	Usar as metodologias de ensino de forma adequada.
PM7	A capacidade do docente exercer a didática e ensinar da melhor forma possível!!
PM8	Aquela em que há compreensão mútua sobre o objeto da comunicação, ou seja, quando o que se comunica ocorre dentro de parâmetros empáticos, respeitosos e de disponibilidade emocional.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

A comunicação assertiva é descrita como aquela que apresenta uma linguagem acessível e envolve expressar-se de forma clara, com fluência verbal e capacidade de ouvir melhor (Guimarães; Maciel, 2022).

Wendt (2021) define a assertividade como a habilidade de expressar sentimentos e opiniões de forma apropriada e respeitosa, com capacidade de reflexão e posturas ativas.

A maioria dos professores deste estudo identificou a comunicação assertiva como aquela que apresenta uma linguagem clara (PF5, PF7, PF9, PF10, PF12, PF14), objetiva (PF3, PM2), respeitosa (PF1, PF12, PM8) e empática (PF6, PM8).

O PF2 entende que se trata de uma comunicação que utiliza “[...] menos palavras, com significado e relacionando com as experiências de vida.” A “disponibilidade emocional” também foi mencionada (PM8), assim como a comunicação “sem julgamentos” (PF11) e a necessidade de o professor “saber ouvir” (PF12). O professor PM6 correlaciona a comunicação assertiva à utilização de “metodologias adequadas”, sem especificar quais são essas metodologias.

Vale ressaltar que nem todos os professores tinham conhecimento sobre o termo (PM3), reforçando a importância da realização de estudos sobre comunicação assertiva.

Na Tabela 3, apresenta-se a quantificação e a qualificação das respostas mais frequentes, que não correspondem ao número total de respondentes (22), mas sim ao número de vezes que cada alternativa foi mencionada.

Tabela 3 - Como docentes compreendem a comunicação assertiva.

Elementos que relacionam à comunicação assertiva	Frequência
Linguagem clara / objetiva / respeitosa / empática	13
Disponibilidade emocional / não fazer julgamentos /saber ouvir	3
O aluno entender o que o professor fala / alcançar os objetivos / compreensão mútua sobre o objeto da comunicação	3
Comunicação com significado, relacionada a experiências de vida e com menos palavras	1
Desconhecimento do termo	1
Uso de metodologias adequadas (sem explicitá-las)	1
Total:	22

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024)

A comunicação assertiva pode ser descrita como a arte de saber falar e influenciar. Muitas pessoas têm dificuldade em expor suas ideias com clareza e objetividade: algumas falam demais e perdem o interesse do ouvinte, enquanto outras falam pouco e não se fazem entender. Isso pode resultar em entregas insatisfatórias, deixando dúvidas e possibilitando interpretações equivocadas. Ser assertivo significa perceber o que o outro já sabe, o que ainda não sabe e precisa saber, e o que ele deseja ouvir. Além disso, envolve ser sucinto, específico e relevante, organizando as ideias em sequências lógicas (Ribeiro; Gomes, 2024). Segundo os dados da amostra, observa-se que a maioria dos professores descreve ter uma comunicação assertiva em sala de aula, caracterizada por uma linguagem clara, respeitosa e empática (Guimarães; Maciel, 2022). O Quadro 6 apresenta as respostas dos participantes desta pesquisa quanto à utilização da comunicação em sala de aula.

Quadro 6 - Descrição da comunicação em sala de aula.

Como você descreveria sua comunicação oral em sala?	
PF1	Em torno de 50% assertiva, porque há uma linguagem muito técnica durante a minha fala e que mesmo com alguns exemplos e histórias ainda não produzem boa compreensão
PF2	Acredito que a altura e tom da minha voz são adequadas para a escuta dos estudantes. Penso que preciso melhorar a velocidade da fala para que haja tempo de entendimento e processamento das informações.
PF3	boa - favorecendo o contato com os alunos
PF4	Boa, mas poderia melhorar.
PF5	Boa. Tento mudar a forma de abordar um assunto que percebo, não foi compreendido.
PF6	Busco ser uma boa ouvinte e tento direcionar o que é falado, de forma tranquila e sem julgamentos pessoais.
PF7	Clara e assertiva.
PF8	Assertiva
PF9	Tento ao máximo ser assertiva, usando exemplos e uma didática mais clara possível.
PF10	Acho que minha comunicação em sala é boa, mas, com certeza, devo melhorar mais ainda.
PF11	Falas com pausas, entonação em números e adjetivos. Tenho voz forte e muitas vezes não uso microfone. Quando preciso de silêncio levanto a mão e espero os alunos ficarem quietos para a exposição dialogada.
PF12	Compreendo que me comunico de forma respeitosa, busco transmitir os conteúdos evocando nos alunos suas percepções a respeito das temáticas sobre as quais discorro.
PF13	Gosto de uma comunicação de via de mão dupla
PF14	consigo transmitir as informações de aula de maneira clara, falo alto, porém preciso melhorar algumas técnicas para dinamizar mais as aulas e deixar os alunos mais atentos
PM1	alta e clara
PM2	Considero que seja boa.
PM3	Utilização de voz como principal ferramenta de comunicação, afirmativa, para demonstração de conhecimento do conteúdo abordado e deixar o aluno à vontade para fazer seus questionamentos.
PM4	Clara e objetiva
PM5	Creio que minha comunicação oral seja boa. Procuro sempre manter a linha de pensamento para atingir o objetivo da aula em etapas.
PM6	Propicia para o ensino
PM7	Boa
PM8	um misto de seriedade e descontração

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

O bom desempenho docente pode estar relacionado à habilidade de comunicação, para a qual o professor deve ter domínio do conteúdo, apresentação clara, facilidade de transmissão e de relacionamento, além de estimular o aluno a refletir, se expressar e discutir (Castro; Silva, 2001).

Na análise do relato dos professores sobre a comunicação oral em sala de aula, a maioria avalia sua comunicação como boa (PF3, PF4, PF5, PF10, PM2, PM5, PM7), assertiva (PF1, PF7, PF8, PF9) e propícia para o ensino (PM6). As comunicações foram descritas como claras (PM1, PM4) e objetivas (PM4), com o uso de tom de voz alto (PM1), forte (PF11), pausas e entonação (PF11), além de estratégias como exemplos (PF1, PF9) e histórias (PF1) para melhorar a comunicação. Para que haja uma aprendizagem significativa, a comunicação deve ser clara, com escuta respeitosa e coerência de ideias (Guimarães; Maciel, 2022).

Outras características, como descontração (PM8), respeito (PF12) e não julgamento (PF6), também foram mencionadas, permitindo uma comunicação de mão dupla (PF13) e com questionamentos (PM3).

Apesar de considerarem que possuem uma boa comunicação oral, os professores reconhecem que podem e precisam melhorar (PF4, PF10, PF14), utilizar mais técnicas (PF14) e ajustar a velocidade da fala para facilitar a compreensão do conteúdo (PF2). O conhecimento e a utilização adequada dos recursos verbais podem permitir ao docente universitário a transmissão da informação de modo mais efetivo (Romano *et al.*, 2011).

Na Tabela 4, apresenta-se a quantificação e a qualificação das respostas mais frequentes, que não correspondem ao número total de respondentes (22), mas sim ao número de vezes que cada alternativa foi mencionada.

Tabela 4 - Como docentes avaliam sua comunicação em sala de aula.

Aspectos mencionados	Frequência
Comunicação boa / assertiva / propícia ao ensino	12
Comunicações claras / objetivas / com tom de voz alto / forte / pausas / entonação	6
Comunicação de mão dupla / com respeito / não julgamento / descontração / questionamento	5
Percepção de que precisam melhorar	5
Utilização de exemplos e histórias	3
Total:	31

Obs. Os totais não se referem ao número de respondentes (22), mas ao número de vezes que cada alternativa foi mencionada.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

A expressividade é a capacidade de tornar vivo o pensamento por meio da linguagem. O docente universitário, em sala de aula, deve utilizar diversos recursos verbais como forma de transmitir a informação de maneira efetiva. O processo de comunicação ocorre pela interação

de vários elementos, como entonação, qualidade da voz e pausas, que permitem uma comunicação com qualidade (Romano *et al.*, 2011). Alguns docentes deste estudo descreveram o uso de recursos como entonação e pausas na comunicação em sala de aula.

O emprego da potência fonética e da qualidade vocal pode não ser consciente, e as variações das propriedades vocais podem ter explicações biológicas (Barros Filho, 2004).

O Quadro 7 apresenta as respostas dos participantes desta pesquisa em relação às dificuldades de comunicação em sala de aula.

Quadro 7 - Detalhes na sala de aula que dificultam a comunicação com os alunos.

PF1	“Traduzir” ou transformar alguns termos técnicos trazendo mais proximidade à linguagem dos alunos
PF2	A falta de motivação por tempos prolongados de fala, o que está relacionado com o formato das aulas muito expositivas (estou tentando ajustar isso).
PF3	quando eles não estão prestando atenção
PF4	A falta de engajamento nos últimos anos.
PF5	Conversas paralelas.
PF6	Às vezes, eu quero falar de coisas que eles ainda não têm maturidade para entender. Ao mesmo tempo sinto que eles não escutam o que é dito. Falta de compromisso com os deveres acho que é a principal dificuldade
PF7	Desinteresse e falta de educação.
PF8	Guardar o nome de todos eles
PF9	Quando eles dispersam ou conversam. Preciso parar e voltar ou quando eles pegam o celular em aula e peço para guardar. A não ser que estejam usando para acessar a aula no classroom. Mas mesmo assim é algo difícil de controlar e ver.
PF10	Eu falo muito baixo e sempre tenho essa preocupação em saber se todos estão me ouvindo, então sempre me esforço para falar mais alto o que me tira da zona de conforto e às vezes me deixa um pouco desconfortável na comunicação.
PF11	O excesso de barulho na sala.
PF12	Quando isso ocorre, geralmente está atrelado a conversas paralelas dos alunos, ou a questionamentos que não condizem com a temática tratada. Eventualmente, no curso de Psicologia, há alunos que tendem a querer trazer problemas pessoais para o debate o que, por um lado pode ser positivo e, por outro, pode dificultar o andamento da aula, especialmente quando o comportamento é recorrente e incomoda o restante da sala. Nestas ocasiões procuro conversar com o aluno após a aula, explicando a importância do cuidado em não expor assuntos íntimos e/ou a importância de procurar apoio profissional para lidar com as questões que trouxe.
PF13	Às vezes, a falta de participação dos próprios alunos. Me desafiando a chamar a atenção deles com novas propostas
PF14	Desconheço
PM1	Nada
PM2	Ajustar o conteúdo aos diferentes níveis de alunos. Uma vez que numa mesma turma temos alunos com históricos escolares muito discrepantes.
PM3	Conversa paralela entre alunos e barulho nos corredores!
PM4	No meu ponto de vista, a falta de interesse de alguns alunos em participar ativamente das aulas
PM5	A heterogeneidade de uma sala de aulas. Existem alunos de diferentes níveis, fazendo que em alguns momentos eu tenha que adaptar a forma de me expressar.
PM6	Nada
PM7	As vezes, um pouco de timidez.
PM8	potência de voz e ruídos paralelos entre os alunos

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

Existem barreiras ou limitações que podem interferir na comunicação docente, sendo necessário considerar elementos como a capacidade de transmitir e receber a mensagem (que depende do potencial cognitivo, bagagem cultural e experiências), a habilidade para ouvir, sentir e ver, e os padrões comportamentais (Stefanelli, 1993). Diversas barreiras podem ser mencionadas, como a linguagem técnica, a cultura e a falta de empatia (Borba; Santos; Puggina, 2017).

Fatores como crenças, valores, expectativas e experiências prévias podem representar limitações na comunicação (Silva, 2012). Neste estudo, os professores citaram dificuldades relacionadas aos diferentes níveis dos alunos (PM2) e à heterogeneidade das salas de aula (PM5). Também descreveram falta de motivação (PF2), falta de interesse (PF7, PM4), baixo engajamento (PF4), falta de participação (PF13), desatenção (PF3) e imaturidade dos alunos (PF6).

Outro aspecto citado com frequência foram as conversas paralelas dos alunos (PF5, PF9, PF12, PM3) e o excesso de barulho (PF11, PM3, PM8). Adaptar os termos técnicos para a linguagem dos alunos também foi apontado como um desafio (PF1). Além disso, alguns professores relataram sentir-se tímidos (PM7), falar com tom de voz baixo (PF10) e ter dificuldade em memorizar os nomes dos alunos (PF8).

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores diz respeito a como levar o aprendiz a elaborar mentalmente uma imagem fiel do conteúdo comunicado (Silva; Cunha, 2021). No entanto, apesar das diversas descrições sobre as dificuldades de comunicação em sala de aula, alguns professores relataram não identificar dificuldades com seus alunos (PF14, PM1, PM6).

O Quadro 8 apresenta as respostas dos participantes desta pesquisa em relação às facilidades de comunicação em sala de aula.

Quadro 8 - Detalhes na sala de aula que facilitam a comunicação com os alunos.

PF1	Alguns exemplos e/ou trazer histórias próprias dos alunos para a temática
PF2	A utilização de exemplos práticos e da vida real, com os quais eles se identificam e se motivam.
PF3	ter conhecimento do conteúdo a ser trabalhado
PF4	Incluir dispositivos tecnológicos e redes sociais como facilitador do aprendizado.
PF5	Descontração na hora de abordar um tópico. Utilizo muito analogias.
PF6	Quando se interessam pelo que é falado, facilita muito. Quando proponho ações práticas, eles engajam melhor.
PF7	Trazer mais empatia e tentar conhecer melhor eles. Tratá-los bem. Isso cria conexão e a aula flui muito melhor.
PF8	O acompanhamento da faixa etária. Entender o comportamento e forma de aprender da nova geração
PF9	As perguntas que vou fazendo ao longo da aula e eles interagem e participam.

PF10	O que facilita é sempre pensar como se eu fosse uma aluna e como que eu gostaria que fosse essa comunicação. Me inspiro em bons comunicadores.
PF11	Os acordos iniciais no primeiro dia de aula. Combinamos como iremos nos comunicar.
PF12	De minha parte estar aberta para responder às diversas dúvidas que surgem. Da parte dos alunos, demonstrarem interesse, motivação em participar, responderem aos questionamentos que faço com reflexões
PF13	Quando consigo deixar a aula mais acessível e interessante
PF14	meu contato direto com os alunos é em sala de aula e por meio de WhatsApp com alunos representantes e de estágio
PM1	Além da fala, recursos eletrônicos (multimídia, internet etc...)
PM2	Sempre busco conduzir a aula de forma leve e descontraída, sem deixar de abordar todo o conteúdo programado.
PM3	Geralmente quando os alunos fazem perguntas em sala ou comentam sobre uma situação que vivenciaram.
PM4	O interesse e participação deles na aula
PM5	Estabelecer uma relação horizontal com eles.
PM6	Minha personalidade
PM7	O entendimento daquilo que vem sendo discutido em sala de aula!
PM8	percepção de interesse mútuo

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024).

Quando questionados sobre o que facilita a comunicação com os alunos, os professores (PF6, PF12, PM4, PM8) relataram que o interesse pelo conteúdo é um fator essencial. De maneira geral, apontam que exemplos, histórias e ações práticas também são considerados elementos que favorecem a comunicação. Além disso, descreveram alguns aspectos da personalidade que podem facilitar esse processo, como descontração, estar aberto ao diálogo e criar conexão com os alunos.

Behlau, Dragone e Nagano (2004) relatam que diversos elementos influenciam a comunicação e a interação com os outros, como o tom de voz, o olhar, a expressão facial, a postura, o acolhimento, a escuta passiva e ativa, além de palavras e atitudes assertivas e afetivas.

Ministrar aulas de forma mais leve, com empatia e compreendendo o comportamento humano pode contribuir para a motivação e o engajamento dos alunos (PF6, PF7, PF8, PM2).

Embora as palavras sejam imprescindíveis ao ensino, elas devem estar estritamente vinculadas ao interesse do educando e apresentar problemas significativos, cuja solução o habilite a enfrentar novas situações problemáticas (Silva; Cunha, 2021). Para os professores PF4, PF8 e PM1, é importante compreender a forma como essa nova geração aprende, além de utilizar recursos eletrônicos e dispositivos tecnológicos como ferramentas para potencializar o ensino.

Na Tabela 5, apresenta-se a quantificação e a qualificação das respostas mais frequentes, que não correspondem ao número total de respondentes (22).

Tabela 5 - Aspectos que os/as docentes percebem com facilitadores e dificultadores da comunicação com os alunos em sala de aula.

Aspectos facilitadores	Freq.	Aspectos dificultadores	Freq.
Aproximação dos alunos / respeito / empatia / descontração / estar aberto a criar conexão com os alunos	6	Falta de motivação / interesse / engajamento / participação / atenção / maturidade dos alunos	7
Interesse pelo conteúdo / Uso de exemplos, histórias e ações práticas	4	Conversas dos alunos / excesso de barulho	7
Comunicação não verbal (postura, expressão corporal, olhar para o aluno)	3	Timidez do professor / tom de voz baixo / não conseguir guardar nomes dos alunos	3
Correlação conceitos teóricos X prática / realização de atividades práticas	2	Diferentes níveis dos alunos / heterogeneidade das salas de aula	2
Utilização de debates / perguntas / mesas redondas	2	Transformar termos técnicos para a linguagem do aluno	1
Características da fala e do tom da voz (firmes)	2	Não respondeu	3
Não identificam dificuldades	2		
Não respondeu			
Total:	21	Total:	23

Obs. Os totais não se referem ao número de respondentes (22), mas ao número de vezes que cada alternativa foi mencionada.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024),

O Quadro 9 apresenta as respostas dos participantes desta pesquisa em relação a melhora da comunicação em sala de aula.

Quadro 9 - Como os professores procuram melhorar sua comunicação com os alunos em sala de aula.

PF1	Correlacionar ao máximo os conceitos teóricos estudados em sala de aula com a observação prática de pacientes na clínica
PF2	Tento identificar dificuldades de estudantes específicos, me colocando à disposição para ajuda individual. Ofereço momentos da aula para colocação de dúvidas e discussão de assuntos de escolha dos estudantes. Acolho todas as respostas (inclusive as incorretas), de forma empática.
PF3	olhar para o aluno e escutar o que ele tem a dizer
PF4	Ter uma postura mais amigável e compreensiva.
PF5	Chamar a atenção para a relevância do tema e o fato de estarem em busca de uma profissão extremamente delicada pois, cuida diretamente de outro ser humano.
PF6	Quando sinto que então muito cansados, tento direcionar primeiro e depois continuamos, as vezes dando uma atividade mais prática, assim eles se interessam e conseguem prestar mais atenção no conteúdo
PF7	Saber o nome deles.
PF8	Jeito de se vestir, postura, proximidade, gírias
PF9	Trabalho perguntas e mesas redondas, uma forma de fazer o aluno estudar para as aulas.
PF10	Sempre tento me aproximar dos alunos fora da aula para conversar, entender mais as necessidades deles para trazer isso para as aulas. Tento sempre entender as dificuldades que eles me relatam e facilitar isso durante as aulas.
PF11	Solicito que as dúvidas individuais sejam feitas por e-mail e quando recebo, tiro as dúvidas de maneira coletiva. Ouvir sem julgar me ajuda muito principalmente para compreender o repertório do aluno e conseguir usar exemplos que sejam mais próximos da realidade dele.
PF12	Quando percebo "barulho" na sala, procuro parar de falar e aguardar o silêncio. Aos poucos os alunos compreendem a importância de se atentarem quando estou explanando. Responder às demandas

	trazidas pelos alunos acerca de suas dificuldades de compreensão, por exemplo, dos temas trabalhados. Costumo utilizar exemplos práticos para ilustrar conceitos que estou trabalhando
PF13	Não respondeu.
PF14	sou sempre atenta às necessidades dos alunos, busco responder todos os questionamentos, estou sempre disposta a ajudar
PM1	Os alunos dão feedback positivo para mim e coordenador do curso
PM2	Sempre busco conduzir a aula de forma leve e descontraída, sem deixar de abordar todo o conteúdo programado.
PM3	Voz firme, demonstração de domínio do conteúdo abordado, ficar na posição em pé para que todos possam interagir com o docente, e deixar os alunos à vontade para questionamentos.
PM4	Tom de voz, expressão corporal e geração de oportunidades para que os alunos participem ativamente da aula
PM5	Mantenho sempre um bom respeito e educação em sala de aula. Dessa forma espero receber o mesmo.
PM6	Debater com os alunos sobre os temas abordados.
PM7	Prefiro não responder
PM8	Respeito e empatia

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nas respostas aos questionários (2024)

A comunicação pode ser auxiliada por diversas atitudes. Os professores descreveram a aproximação dos alunos (PF8, PF10), a manutenção do respeito (PM5, PM8) e a prática da empatia (PF2, PM8) como fatores importantes. Outra estratégia mencionada (PF1, PF6) foi a correlação de conceitos teóricos com a prática, bem como a realização de atividades práticas em aula, a utilização de debates (PM6), perguntas e mesas-redondas (PF9).

O estudo de Souza Neto, Ayoub e Tardif (2021) corrobora as informações encontradas nesta pesquisa, descrevendo que o docente deve buscar ferramentas adequadas para atrair a atenção do aluno, despertar o interesse pela aprendizagem e envolvê-lo na aula com perguntas e discussões. Além disso, deve estar aberto a questionamentos e curiosidades, adotando uma postura democrática, respeitosa e flexível em relação ao ponto de vista do aluno, promovendo aulas planejadas, participativas e acolhedoras.

Barros Filho (2004) descreve a manifestação vocal como um elemento essencial do processo de comunicação. Nesse contexto, os professores mencionaram a voz firme (PM3) e o tom da voz (PM4) como fatores que facilitam a comunicação. Além disso, destacaram elementos da comunicação não verbal, como postura (PM3), expressão corporal (PM4) e contato visual com o aluno (PF3).

Este estudo possibilitou compreender as interações dos professores com os alunos por meio da comunicação oral, analisando como utilizam suas vozes, como percebem os efeitos de suas formas de se comunicar e como definem uma comunicação oral ideal. O questionário permitiu avaliar o relato dos docentes da área da saúde em relação à sua comunicação oral em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS DOCENTES

O trabalho docente é interativo, complexo e ultrapassa a sala de aula. Dentro dessa ampla atuação, o processo comunicativo deve ser considerado relevante, pois os relacionamentos podem apresentar diversas dificuldades. Estabelecer formas de organização e classificação da comunicação de forma rígida é impossível, pois há nuances e elementos abstratos que envolvem as interações humanas. O presente estudo não teve a intenção de abordar esse conteúdo em sua totalidade, mas trazer os aspectos relevantes da comunicação docente.

O instrumento utilizado foi um questionário, que permitiu discutir o relato da percepção dos docentes sobre a interação professor-aluno e sua comunicação oral em sala de aula, compreendendo que pode apresentar limites sobre a natureza das relações descritas, uma vez que o resultado expressa a percepção do docente e o modelo do estudo é qualitativo.

Os dados obtidos por esta pesquisa demonstram que a percepção dos professores universitários sobre suas interações e comunicação, de maneira geral, se caracteriza como boa, percebendo mais características positivas que negativas, embora alguns relatem dificuldades, falhas e necessidade de melhorar. Apesar de relatarem, talvez com pouca segurança, os seus conhecimentos sobre a comunicação assertiva, buscam aprimorar a sua comunicação/interação em sala de aula, apontando práticas diferenciadas durante as aulas e conteúdos bem-organizados. E, embora identifiquem sua interação e conexão com os alunos como boa, há recursos vocais importantes, como pausas e volume adequado, que não são utilizados, e falta de conhecimento de elementos importantes da boa comunicação.

Ao desenvolver a pesquisa, foi possível observar que os participantes têm que ampliar as suas percepções em relação a sua comunicação e a necessidade de desenvolver habilidades comunicativas. Os docentes, ao entrarem em contato com o tema, podem refletir e promover mudanças em sua comunicação, melhorando as formas como estabelecem as interações em sala de aula com os alunos.

Deve-se levar em conta que a atuação docente deve ser incentivada por constantes renovações e inovações das práticas pedagógicas, aprimorando as interações, principalmente aquelas que envolvem o domínio da fala, que podem resultar no sucesso ou fracasso escolar. Uma comunicação assertiva pode transformar a aprendizagem e gerar processos de conhecimentos significativos para os alunos.

Os professores necessitam observar sua comunicação, promover interações conscientes, buscando palavras e atitudes assertivas, como forma de promover um aprendizado efetivo e relações mais harmônicas no ambiente escolar. E, ao entrar em contato com o tema da comunicação, a compreensão da assertividade pode ser uma oportunidade de o docente refletir sobre suas interações em sala de aula.

A comunicação, por si só, é limitada para abranger a complexidade da realidade. As palavras podem impactar de forma positiva e agradável ou negativa e desagradável, dependendo das crenças, experiências e percepções de cada um. Envolve a bagagem cultural e a conotação subjetiva ou emocional. A palavra tem força criativa, e precisamos estar atentos ao que estamos criando.

É necessário difundir esses conhecimentos tornando-os mais acessíveis, para que os professores compreendam os benefícios de realizar uma comunicação mais consciente. Inclusive observando que quando nos comunicamos, nem sempre podemos ter certeza de como o outro está recebendo nossa mensagem. Considerando sempre que quanto mais assertiva e clara for a comunicação, melhor será compreendida pelo interlocutor.

Objetivando a aplicação dos conceitos estudados nesta pesquisa foi elaborado um folder informativo, denominado “Comunicação Assertiva: você conhece?” (Apêndice 3) para despertar os professores sobre a relevância de uma comunicação assertiva e de suas interações por comunicação oral com seus alunos. O folder é uma estratégia de comunicação que pode ser usada para captar a atenção do público-alvo, uma forma de chamar a atenção para o tema da comunicação, destacando informações relevantes de forma sucinta.

Pretende-se divulgar esse material em mídias digitais, além da distribuição em ambientes escolares, em local de fácil acesso para os professores. Espera-se que o breve conteúdo deste folder, possa impactar os professores de forma simples e educativa, estimulando-os a utilizarem uma comunicação consciente e efetiva.

REFERÊNCIAS

- ADRIANI, P. A.; HINO P.; TAMINATO M.; FERNANDES H. Construção de tecnologia educacional sobre comunicação não violenta entre profissionais da saúde: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, p. e20220414, 2023.
- ALMEIDA, R. T. DE; CIOSAK, S. I. Comunicação do idoso e equipe de saúde da família: existe integralidade? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 4, p. 884–890, jul.2013.
- ALMEIDA, H. M. A didática no ensino superior: práticas e desafios. **Rev. Estação Científica**. Juiz de Fora, n.14, julh – dez 2015.
- AMORIM, K.F.C. C. A.; SILVA, M. J. P. Eficácia/ efetividade da comunicação não verbal em sala de aula: a percepção do docente de enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 862–870, out. 2014.
- ANDRADE, J. A, A. O papel das narrativas na aprendizagem da docência: um enfoque no aspecto das interações humanas. **Educ. Puc**. [online], vol.18, n.03, pp.311-326. ISSN 1519-3993. 2013.
- BARBOSA, A. **A comunicação assertiva para desenvolvimento de líderes – uma proposta por meio de jogos gamificados**. Dissertação (Mestrado Profissional Multidisciplinar) - Centro Universitário Augusto Motta, 2019.
- BARBOSA, I.S.; PEIXOTO, M.A.N.; MAIA, D.P. A comunicação intrapessoal e interpessoal na prática de professores: contribuições aos saberes docentes. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**. Manaus, vol.5, n. 9, p. 01- 13, ago-dez 2012.
- BARROS, F.C.; LOPES F.; BELIZÁRIO, F. A construção social da voz. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.23, abril 2004.
- BEHLAU, M.; DRAGONE, M. L. S.; NAGANO, L. A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: **Revinter**; 2004.
- BIROLIM, M. M. et al. Trabalho de alta exigência entre professores: associações com fatores ocupacionais conforme o apoio social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1255–1264, abr. 2019.
- BORBA, A., SANTOS B. M., PUGGINA, A. C. G. Barreiras de comunicação nas relações enfermeiro-paciente: revisão integrativa. **Revista Saúde - UNG-Ser** - ISSN 1982-3282, 11(1/2), 48–61. 2017.
- BRASIL, C.C.P.; SILVA, R.M. A voz da professora na integralidade em saúde. Fortaleza, **Edições UFC**, 2016.
- CARDOSO, G. A comunicação da comunicação: As pessoas são a mensagem. **Editora Mundos Sociais**, Instituto Universitário de Lisboa, jan.2023.

CAMPOS, V. F.; SILVA, J. M.; SILVA, J. J. Comunicação em cuidados paliativos: equipe, paciente e família. **Revista Bioética**, v. 27, n. 4, p. 711–718, out. 2019.

CASTRO, R. K. DE F.; SILVA, M. J. P. Influências do comportamento comunicativo não-verbal do docente em sala de aula: visão dos docentes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 4, p. 381–389, dez.2001.

COLARES, K. T. P.; OLIVEIRA, W. de. Metodologias Ativas na formação profissional em saúde: uma revisão. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 300–320, 2019.

CORRÊA, Paula Regina; PASQUALLI, Roberta. Saberes Docentes para Freire, Shulman e Tardif: Percepções e Aproximações Teóricas. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 229–238, 2022.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE A.; SILVA F.A.; SILVA A.T.S.; PUNTEL L.P. Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, p. 591–603, 1998.

DEWEY, J. Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. 3. ed. Tradução de Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Naci, 1959.

FIOROT JUNIOR, J.A. **Habilidades Sociais Docentes: avaliação de um programa de formação na perspectiva de professores e alunos**. 2020. 72 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) - Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: **Paz e Terra**,1996.

GUIMARÃES, M. S.; MACIEL, C.M.L.A. Comunicação assertiva como condição para aprendizagem significativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 12, p. e01111234212, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i12.34212.

GUZINSKI, C.; LOPES A.N.M; FLOR J.; MIGLIAVACA J.; TORTATO C. Boas práticas para comunicação efetiva: a experiência do *round* interdisciplinar em cirurgia ortopédica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, n. spe, p. e20180353, 2019.

JALLES M.P.; SANTOS V.S.J.; REINALDO, M.A.S. Análise da produção científica sobre comunicação terapêutica no campo da saúde, saúde mental e álcool e outras drogas. **Revista de Medicina**, v. 96, n. 4, p. 232-240, 2017.

LESSARD C.; TARDIF M. “Transformações atuais na docência: três cenários possíveis na evolução da profissão docente. **Educação e Francofonia**, volume 29, número 1, p. 200–227, 2001.

LIMA, K. M. A.; MAIA, A. H. N.; NASCIMENTO, I. R. C. Comunicação de más notícias em cuidados paliativos na oncopediatria. **Revista Bioética**, v. 27, n. 4, p. 719–727, out. 2019.

LOURENÇO, C. D. DA S.; LIMA, M. C.; NARCISO, E. R. P. Formação pedagógica no ensino superior: o que diz a legislação e a literatura em Educação e Administração. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 21, n. 3, p. 691–718, ago.2016

LUDKE M.; ANDRE M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. **Câmara Brasileira do Livro**, São Paulo, 1986.

MESQUITA, R. M. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 1997.

PAVIANI, N.M.S. Aprendizagem na perspectiva da Teoria do Interacionismo socio discursivo de Bronckart. **Revista Espaço Pedagógico**, vol.18, Passo Fundo, jun. 2011.

PINTO, J. P. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 117–138, jul. 2009.

RIBEIRO, J. ; GOMES, M. L. **Comunicação assertiva**. Belo Horizonte: Faminas, Sistema Integrado de biblioteca, 2024.

RIBEIRO L.P.; SEIBT C.L. Para além do certo e errado, do bem e do mal: conhecendo melhor Marshall Bertram Rosenberg e seu processo de construção da comunicação não violenta. **Revista Signos**, Lajeado, n.1, 2021.

ROMANO, C. C.; ALVES, L.A.; SECCO I. A. O.; ROBAZZI M. L. C. A expressividade do docente universitário durante sua atuação em sala de aula: análise dos recursos verbais utilizados e suas implicações para a enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 5, p. 1188–1196, set.2011.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ed.Agora, 2006.

SANTOS D.M.A.A.P.; SANTOS K.S. A relevância da linguagem no processo de ensino aprendizagem de ciências na educação básica. **Revista Humanidade e Inovação**, Palmas, ago, 2023.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 619–634, set.2006.

SEVERINO, A. J. Da docência no ensino superior: condições e exigências. **Comunicações**, v. 20, n. 1 (jan/jun), p. 43-52, 2013.

SILVA, M. J. P. Aspectos gerais da construção de um programa sobre comunicação não verbal para enfermeiros. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. spe, p. 25–37, abr. 1996.

SILVA M.J.P. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde**. 10a.ed. São Paulo (SP): Loyola; 2012.

SILVA S.G.; PEIXOTO JÚNIOR C.A. A teoria da comunicação no pensamento clínico de Donald Winnicott. **Cadernos de Psicanálise**, vol.39. RJ. 2017.

SILVA, L. M. G.; BRASIL V.V.; GUIMARÃES H.C.Q.C.P.; SAVONITTI B. H. K. A.; SILVA M. J. P. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 8, n. 4, p. 52–58, ago. 2000.

SILVA, T.; CUNHA, M. V. Educação, comunicação e imaginação em John Dewey: contribuições teóricas e práticas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 262, p. 626–641, set. 2021.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 4, n. 2, jun. 2014. ISSN 2237-9983.

SOUSA, L. F. L.; LEAL, A. L.; SENA, E. F. C. A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional. **Revista CEFAC**, v. 12, n. 5, p. 784–787, set. 2010.

SOUZA NETO, S.; AYOUB, E.; TARDIF, M. Trajetória de um pesquisador: entre profissionalização do ensino, pensamento crítico e riscos contemporâneos. **Pro-Posições**, v. 32, p. e20200145, 2021.

STEFANELLI, M. G. **Comunicação com o paciente, teoria e ensino**. Editora Robe, São Paulo, 1993.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209–244, dez. 2000.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Faculté des Sciences de l'Éducation, Université Laval*. **Revista Brasileira de Educação**, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 7.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.

TONON, I. G.; GOMES N.R.; TEIXEIRA L.C.; MEDEIROS A.M. Perfil de comportamento pessoal autorreferido por professores universitários: associação com a autoavaliação comunicativa e vocal. **CoDAS**, v. 32, n. 2, p. e20180141, 2020.

VIEIRA, A. C.; BEHLAU, M. Análise de voz e comunicação oral de professores de curso pré-vestibular. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 14, n. 3, p. 346–351, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores, 2002.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 4ª ed. São Paulo - SP 1991.

WENDT, B. **O Educador é visto como super-herói, mas ele também tem falhas.** 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, implementação e avaliação do Programa Cuida - Programa em práticas educativas positivas para educadores sociais de instituições de acolhimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

WENDT B.; DELL AGIO D.D Programa em práticas positivas para educadores sociais de instituições de acolhimento: estudo de viabilidade. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v.10, Rio Grande, 2021.

APÊNDICE 1

Carta Convite.

Olá, meu nome é Patricia Regina Ramos Maraschi, sou aluna do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO, GESTÃO E INOVAÇÃO e estou desenvolvendo uma dissertação de mestrado, aprovada pelo comitê de ética, com orientação da professora Dr^a Maria Lúcia Suzigan Dragone, com o objetivo de investigar como os professores universitários da área da saúde (dos cursos de Farmácia, Psicologia, Fisioterapia, Biomedicina, Enfermagem, Estética e Nutrição), comunicam-se com seus alunos em sala de aula e como os professores entendem ser uma boa comunicação. Sua participação é muito importante para mim, se puder colaborar com a nossa investigação, responda o questionário abaixo, com o tempo médio de 10 a 20 minutos.

Sua participação é muito importante para mim. Se tiver interesse em participar, clique no link ou QR Code abaixo. Agradecemos sua participação!

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO

Não há obrigatoriedade de responder todas as questões. Caso não queira responder algumas dissertativas, basta escrever “prefiro não responder” e nas de múltipla escolha haverá um item a ser marcado.

1. Caracterização do participante: (estas informações não são obrigatórias, caso deseje não responder, deixe os campos abaixo em branco).
 - a) Idade
 - b) Gênero
 - c) Tempo de docência no Ensino Superior
 - d) Cursos em que leciona atualmente
 - e) Carga horária de exercício profissional
2. Você reconhece sua comunicação oral com os alunos como um recurso de trabalho?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Em alguns momentos
 - d) Prefiro não responder
3. Quais são as suas percepções sobre suas habilidades comunicativas?
4. O que você entende ser uma comunicação assertiva?
5. Como você descreveria sua comunicação oral em sala de aula?
6. O que dificulta sua comunicação com os alunos?
7. O que facilita sua comunicação com os alunos?
8. Você acha que suas atitudes podem auxiliar na sua comunicação com os alunos em sala de aula?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Prefiro não responder
9. Se a resposta anterior for positiva, exemplifique quais são essas atitudes.
10. Como você avalia a sua interação com os alunos na sua aula?
 - a) Ótima
 - b) Boa
 - c) Regular
 - d) Ineficiente
 - e) Nunca observei
 - f) Prefiro não responder

11. Como você avalia a frequência do uso de pausas na sua fala?
- a) Frequentemente
 - b) Pouco frequente
 - c) Nunca observei isso
 - d) Prefiro não responder
12. Como você avalia sua voz em relação ao tom?
- a) Muito agudo
 - b) Agudo
 - c) Grave
 - d) Muito grave
 - e) Variável
 - f) Nunca observei isso
 - g) Prefiro não responder
13. Como você avalia o volume da sua voz?
- a) Muito alto
 - b) Alto
 - c) Médio
 - d) Fraco
 - e) Muito fraco
 - f) Nunca observei isso
 - g) Prefiro não responder
14. De maneira geral, como você avalia a velocidade da sua fala?
- a) Muito rápida
 - b) Rápida
 - c) Moderada
 - d) Lenta
 - e) Muito lenta
 - f) Nunca observei isso
 - g) Prefiro não responder

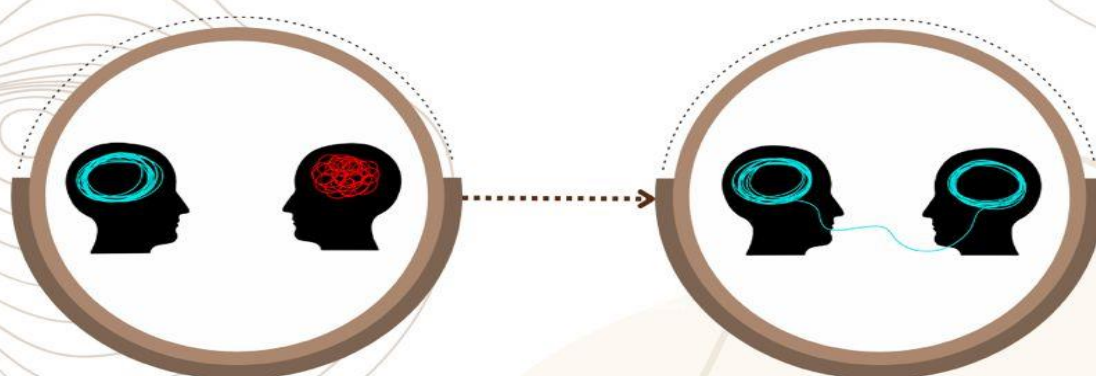
APÊNDICE 3

COMUNICAÇÃO ASSERTIVA VOCÊ CONHECE?

Você **observa** sua comunicação?

Sua fala é **consciente**?

Você sabe o que é **comunicação assertiva**?



A comunicação é relevante nas interações docente-aluno

Comunicar não é apenas emitir e receber uma mensagem verbal

Envolve interações complexas e vários elementos verbais, não verbais (olhar, expressão), posturais e comportamentais

COMUNICAÇÃO ASSERTIVA é aquela com uma linguagem clara, objetiva, respeitosa e afetiva.

Requer utilização de estratégias como:

- uso de pausas
- velocidade e tom moderado
- escuta ativa
- expressão coerente
- observação da postura e do comportamento, cuidando para estabelecer uma comunicação não - violenta

A **COMUNICAÇÃO ASSERTIVA** é uma prática pedagógica essencial

O docente precisa desenvolver habilidades comunicativas e autoconhecimento como forma de ampliar a capacidade de ensinar

As competências comunicativas podem potencializar o processo de ensino aprendizagem

Patrícia Regina Ramos Maraschi
Mestra em Processos de Ensino Gestão e
Inovação - Área Educação- PPG PEGI - UNIARA